UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CÂMPUS *CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO*
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

PRISCILA BORGES COUTINHO

CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA VÃO GRANDE EM BARRA DO BUGRES-MT

CÁCERES-MT
2020

PRISCILA BORGES COUTINHO

CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA VÃO GRANDE EM BARRA DO BUGRES-MT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra em Linguística, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Carlos Santana de Souza.

CÁCERES-MT

2020

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C871c COUTINHO, Priscila Borges.

Consciência linguística da comunidade Quilombola Vão Grande em Barra do Bugres-MT / Priscila Borges Coutinho. – Cáceres, 2020. 102 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2020.

Orientador: Dr. Antônio Carlos Santana de Souza.

1. Comunidades Afro-Brasileiras de Barra do Bugres-MT. 2. Consciência Linguística. 3. Contatos Linguísticos. I.Souza, Antônio Carlos Santana, Dr. II. Título.

CDU 811(=414):316.35(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

PRISCILA BORGES COUTINHO

CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA VÃO GRANDE EM BARRA DO BUGRES-MT

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Carlos Santana de Souza

Orientador - PPGL/UNEMAT

Prof. ª Dr. ª Jocineide Macedo Karim

Avaliadora Interna - PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Joachin Steffen

Avaliador Externo -

APROVADA EM: 30/04/2020.

Esta dissertação é dedicada à memória de minha querida e saudosa Avó (*in memorian*),
Sebastiana da Silva Pereira.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pelo dom da vida, pela força de vontade para a escrita desta Dissertação.

Aos meus Pais: Ivo Borges e Regina, e a minha irmã Daniele pelo apoio em todos os sentidos, pelo carinho e compreensão.

Ao meu marido Gustavo pela compreensão, amor, força e apoio a mim destinados, mesmo que muitas vezes ausente.

Agradeço aos queridos colegas, que direta ou indiretamente me auxiliaram, e me deram suporte durante essa pesquisa: Luzia Lopes, Maria Eliane, Fernanda Campelo, Prof. Isaias, Prof. Adilson.

Á Alkmim & Petter por ceder o Questionário (2009); aplicado nas Comunidades Afro-descendentes;

À comunidade Quilombola Vão Grande, pela receptividade e atenção a mim destinadas,

À Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Cáceres-MT, e aos funcionários e professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL);

Á professora Jocineide Macedo Karim, pelo apoio e carinho destinados a mim;

À minha querida amiga e professora Bárbara Cristina Gallardo, pelo apoio e incentivo na realização desta Dissertação de Mestrado. A minha eterna gratidão e carinho.

Ao querido colega e Prof. Dr. Joachim Steffen pelo apoio e parceria nas gravações durante as pesquisas de Campo na Comunidade Quilombola Vão Grande. “Vielen Dank”!!!

Ao meu Orientador Dr. Antônio Carlos Santana de Souza, que jamais mediu esforços para a realização deste trabalho. Meu Muito Obrigada!!!

“Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”.

(Isaac Newton).

RESUMO

O presente estudo, inscrito na linha de Pesquisa Processo de Variação e Mudança do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), foi desenvolvido sob os aportes teóricos e metodológicos da Dialetologia Pluridimensional, com base no estudo de Radke & Thun (1996). Thun (1998), e do Africanismo no Brasil, a partir dos estudos de Alkmim; Petter (2009). Teve como objetivo, analisar e descrever a variação do Português falado em Comunidades rurais afro-brasileiras, considerando as relações das línguas africanas em contato com o Português falado no Brasil. Em Barra do Bugres- MT encontram-se quatro comunidades afrodescendentes registradas e certificadas na Fundação de Palmares, optamos assim, para desenvolver os estudos em quatro delas: São José do Baixiu, Camarinha, Morro Redondo, Vaca Morta, localizadas na zona rural, a 74km de Barra do Bugres-MT. O objetivo desta pesquisa consistiu em realizar um trabalho acerca da fala e da Consciência Linguística (CL) em Comunidades Afro-brasileiras, mais especificamente, a Comunidade "Vão Grande", localizada no Município de Barra do Bugres- MT. O estudo da fala de Comunidades Quilombolas do estado de Mato Grosso fora contrastado com os dados do Atlas Linguístico das regiões envolvidas e com o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e demais estudos necessários. O *corpus* da pesquisa constitui-se de 15 entrevistas, transcritas e analisadas. Para desenvolver a Pesquisa nas comunidades quilombolas e selecionar os entrevistados, foram seguidos alguns critérios como: escolaridade, ter nascido na comunidade ou vivido a maior parte da vida nela, gostar de conversar, e não ter morado fora da Comunidade por muito tempo. Nas comunidades também selecionamos afrodescendentes para aplicarmos o Questionário formulado por Alkmim; Petter (2009), composto por 249 palavras de origem africana. Portanto os resultados obtidos nas análises das comunidades já mencionadas apresentaram predominância das variantes [+] afro, ou seja, o maior número de palavras de origem africana, apresentou-se na Comunidade São José do Baixiu, em uso real em ambos os sexos. Nas comunidades Camarinha e Morro Redondo, ambas não diferem nos resultados, pois apresentam as variantes [-afro], no português.

Palavras-chave: Comunidades Afro-brasileiras de Barra do Bugres – MT, Consciência Linguística, Contatos Linguísticos.

ABSTRACT

This present study, enrolled in the Research from Variation and Changing Research line from the Stricto Sensu Graduating Program in Linguistics from the State University from Mato Grosso (UNEMAT), it was developed by the theoretical and methodological contributions from Pluridimensional Dialectology, based on the study from Radke & Thun (1996). Thun (1998), and from Africanism in the country of Brazil, based on the studies from Alkmim; Petter (2009). It aimed to analyze and describe the variation from Portuguese spoken in Afro-Brazilian rural communities, considering the relations of African languages in contact with Portuguese spoken in Brazil. In Barra do Bugres- MT there are four Afro-descendant communities registered and certified by Palmares Foundation, this way, we have chosen to develop the studies in four of them: São José do Baixiu, Camarinha, and Morro Redondo and Vaca Morta, that is located in the countryside, 74km from Barra do Bugres-MT. The main focus of this research was to develop a study based on speech and Linguistic Awareness (LA) in Afro-Brazilian Communities, more specifically, at "Vão Grande" Community, located in the town of Barra do Bugres-MT. The study of the speech from Quilombola Communities from the state of Mato Grosso was contrasted with data from the Linguistic Atlas from the involved regions and with the Linguistic Atlas from Brazil (ALiB) and other necessary studies. The main part from the research was developed of 15 interviews, transcribed and analyzed. To develop the Research in the Quilombola Communities area, we have selected the interviewee, some criteria were established, such as: education, having been born in the community or the one that have lived most of the life there, who enjoy talking, and not having lived outside of the community for a long time. We also selected people from African descent, in the Communities, to apply the Questionnaire formulated by Alkmim; Petter (2009), composed of 249 words of African origin. This way, the results obtained in the analyzes of the mentioned communities showed a predominance of the [+] afro variants, that is, the largest number of words of African origin, presented in "São José do Baixiu" Community, in real use in both sexes. In "Camarinha" Community and "Morro Redondo" Community, both did not differ on the results, as they present the variants [-afro], in Portuguese language.

Keywords: Afro-Brazilian Communities from Barra do Bugres – MT, Linguistic Consciousness, Linguistic Contacts.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - COMPLEXO QUILOMBOLA VÃO GRANDE..... 38
FIGURA 2 - MAPA TOPOGRÁFICO DO ESTADO DE MATO GROSSO..... 38
FIGURA 3 - MAPA POLÍTICO DO ESTADO DE MATO GROSSO 39
FIGURA 4 - CASAS EXISTENTES NA COMUNIDADE SÃO JOSÉ DO BAIXIO..... 42
FIGURA 5 - MINA DE ÁGUA SALOBRA - COMUNIDADE MORRO REDONDO 44

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - VARIAÇÕES ENTREVISTADA P.P.P..... 49
TABELA 2 - VARIAÇÕES ENTREVISTADA A.A.A..... 50
TABELA 3 - VARIAÇÕES ENTREVISTADO C. D. D..... 50
TABELA 4 - VARIAÇÕES ENTREVISTADO B.B.B 52
TABELA 5 - VARIAÇÕES SOBRINHO DO SR G.G.G..... 52
TABELA 6 - PERFIL SOCIAL DOS ENTREVISTADOS 55
TABELA 7 - TERMOS (SIGNIFICADOS) ESTABELECIDOS PELOS ENTREVISTADOS DO TERRITÓRIO “VÃO GRANDE”, REFERENTE ÀS COMUNIDADES CAMARINHA, BAIXIU, MORRO REDONDO E VACA MORTA 56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	–	Associação Brasileira de Antropologia;
ADCT	–	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias;
ALIB	–	Atlas Linguístico do Brasil;
CE	–	Com escolaridade;
CF/88	–	Constituição Federal de 1988;
CRIST	–	Cristão (católico, evangélico etc.);
FCP	–	Fundação Cultural Palmares;
H	–	Homens;
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
INCRA	–	Instituto de Colonização e Reforma Agrária;
INTERMAT	–	Instituto de Terras do Mato Grosso;
M	–	Mulheres;
MINC	–	Ministério da Cultura;
PB	–	Português do Brasil;
PPGL	–	Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística;
QFF	–	Questionário Fonético Fonológico;
QMS	–	Questionário Morfossintático;
QSL	–	Questionário Semântico Lexical;
RESP	–	Respostas ao questionário;
RTID	–	Relatório Técnico de Identificação e Delimitação;
SE	–	Sem escolaridade;
SEPIR	–	Secretaria de Promoção de Igualdade Racial;
TCLE	–	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
TX	–	Conversa Livre (etnotextos).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14
2 SOCIOLINGUÍSTICA: OBJETO, CONCEITOS, PRESSUPOSTOS 17
2.1 A variação linguística: um recorte 17
2.2 Línguas Africanas e Fala 21
2.3 Língua Brasileira x Língua Portuguesa 24
3 AS COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS/QUILOMBOLAS DE MATO GROSSO E A RELEVÂNCIA DE PESQUISAS SOBRE AS LÍNGUAS AFRO-BRASILEIRAS: ASPECTOS INTERNOS E EXTERNOS 26
3.1 Dialetologia Pluridimensional e Sociolinguística: conceitos e origens 27
3.2 Variedade do Português falado na Comunidade Quilombola Vão Grande 29
3.3 O registro de vocábulos e Palavras em Língua Portuguesa (Português Brasileiro) de Origem Africana 30
3.4 Consciência Linguística 30
4 CONTEXTUALIZANDO AS COMUNIDADES PESQUISADAS 36
4.1 A Educação Escolar Quilombola no Território da Comunidade Vão Grande..... 36
4.2 O território Quilombola Vão Grande no município de Barra do Bugres-MT 36
4.3 Palavras de Origem Africana: breve conceito 39
4.4 Comunidade São Jose do Baixiu 40
4.5 Comunidade Morro Redondo 42
4.6 Comunidade Camarinha 44
4.7 Comunidade Vaca Morta 45
4.8 Comunidade Retiro 46
4.9 Comunidade Morro Redondo 47
5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM ESTUDO 48
5.1 Análises das Variáveis QFF 48
5.2 GRAVAÇÕES DE TEXTOS LIVRES: ETNOTEXTOS 49
5.2.1 Entrevistada: P.P.P 49
5.2.2 Entrevistada: A.A.A 49
5.2.3 Entrevistado: C.D.D 50
5.2.4 Entrevistado: B.B.B 51
5.2.5 Entrevistado: Sobrinho do Sr G.G.G 52

SUMÁRIO

5.3 Presença de africanismos nas Comunidades: Camarinha e Baixio. Análises das Variantes QSL 54
5.4 Análise e Comparação de Dados 55
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 58
REFERÊNCIAS 60
ANEXOS 64
Anexo A - CROQUI DE LOCALIZAÇÃO 64
Anexo B - Questionário Alkim;Petter (2009) 65
Anexo C - Questionário para as Comunidades Afro-brasileiras de Barra do Bugres/MT 74
Anexo D - Questionário Semântico-Lexical (QSL) 79
Anexo E - Parte Etnotextos (Tx) - Temas De Conversa Livre 82
Anexo F – Documento de Reconhecimento de Comunidade Quilombola 83
Anexo G – Conselho De Ética 84
Anexo H - Fotos 89

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas e enfoques na área da Sociolinguística tem como foco central o estudo das relações entre o uso da língua falada e seu contexto social. Tendo em vista a correlação entre esses dois eixos Linguísticos e Extralinguísticos em situações de contatos linguísticos e de plurilinguismo envolvendo línguas minoritárias em contato com o Português, no entanto, só nos últimos anos, a partir das políticas do fomento das diversidades linguísticas vem ganhando um impulso mais significativo.

Tendo em vista que o Estado de Mato Grosso possui características peculiares desde a sua fundação, desde a instauração de sua primeira capital: Vila Bela de Santíssima Trindade, percebemos que os estudos das linguagens estão miscigenados através de várias abordagens teóricas e ramificações que se consolidam através do objeto de estudo a ser analisado.

Para tanto, o estudo da Linguagem nos permite pensar em Língua portuguesa, bem como em História do português no Brasil, especificamente no período em que os colonizadores chegaram ao Brasil em 1500, trazendo essa língua que expandiu em terras, e além do mar.

Sabemos que nesse período, houve contatos divergentes com outras línguas: as línguas indígenas (tupi) e africanas, tais contatos foram fortalecidos devido ao intenso tráfico de escravos, vindos da África para o Brasil. Contato linguístico esse, que despertou o interesse de estudiosos em buscar entender, e conceituar e diferenciar Língua e Linguagem.

Desta forma, a pesquisa desenvolvida nessa Dissertação perscrutará, nesse sentido, a influência do contato linguístico entre afro-brasileiros, nomeadamente Quilombolas e Comunidades de fala presentes em seu entorno em diferentes áreas socioculturais de Mato Grosso, mais especificamente na Comunidade Quilombola "Vão Grande" localizada a 74 km de Barra do Bugres-MT.

Evidenciaremos como hipótese, a existência da variação do português brasileiro em contato com a línguas africanas, nas comunidades afro-brasileiras rurais de Barra do Bugres-MT.

Este estudo surgiu com a aprovação do Mestrado em Línguística, na UNEMAT, *Campus* de Cáceres-MT, tendo como orientador o Dr. Antônio Carlos S. Souza, que em seus trabalhos, dedica-se aos estudos das Comunidades afro-brasileiras, como é possível verificar em seu estudo intitulado "Africanidade e Contemporâneidade do Português das Comunidades Afro-Brasileiras no Rio Grande do Sul", tese de doutorado (2015). O seu foco foi realizar uma macroanálise pluridimensional da variação do português nas comunidades afro-brasileiras do Rio Grande do Sul-RS. Este estudo buscará contribuir para integrar as pesquisas de línguas

africanas e de seu contato com a língua portuguesa no Brasil, ampliando assim o conhecimento da língua falada por afro-brasileiros. Desta forma, investigaremos e analisaremos as línguas africanas em contato, nas quatro comunidades remanescentes de quilombos e, através dessa macroanálise e dos contatos linguísticos, identificaremos no comportamento linguístico, fatores determinantes da variação e mudança do Português.

Ao fazermos um levantamento das comunidades afro-brasileiras de Mato Grosso, constatamos que em Barra do Bugres-MT existe quatro comunidades remanescentes de quilombos, todos devidamente registrados na Fundação de Palmares (2005), são elas: a Comunidade São José do Baixiu, Comunidade Camarinha, Comunidade Morro Redondo, a Comunidade Vaca Morta, e por último, as Comunidades pertencentes ao Município de Porto Estrela- MT, as Comunidades Vãozinho e Retiro. Assim, nos despertou um interesse maior em estudar essas comunidades que até então só eram conhecidas através de histórias contadas pela minha irmã Daniele, lotada na Rede Municipal de Ensino de Barra do Bugres-MT no ano de 2009. Ela teve oportunidade de lecionar língua Inglesa para essa Comunidade do Vão Grande, que muitas vezes não conheciam e nunca tinham visto objetos e termos nem em língua portuguesa, como por exemplo: semáforo, avião, tapete, perfume, e até mesmo um abajur. Ela relatou que muitas vezes alguns estudantes quilombolas lambiam a Kombi que era utilizada como meio de Transporte para levar os professores até a Comunidade. Esta situação atualmente mudou de forma significante, pois eles possuem acesso à Internet em todo o Território Quilombola, porém os moradores mais antigos ainda se negam a utilizar a tecnologia (celular, computadores, etc.) e nem tem acesso à Internet, pois não se interessam e preferem continuar “à moda antiga e habitual”.

Assim, buscaremos compreender os falares existentes e as diversidades linguísticas destas comunidades, em contato com o nosso português brasileiro, bem como relatar de forma breve seus hábitos, cultura e costumes, muitas vezes diferenciados dos nossos.

As indagações que moverão a nossa Pesquisa são: Como entendemos a relação entre espaços geográficos e fatos linguísticos, considerando a evolução da língua portuguesa falada em cada comunidade linguística? As mudanças são realmente possíveis? Os traços linguísticos do africanismo nas comunidades afro-brasileiro de Barra do Bugres – MT ainda são conservados?

Após o aceite do Comitê de Ética em Pesquisa, em anexo, sob o número 3.264.442, partimos para conhecer as comunidades citadas anteriormente. Ao chegarmos, na primeira Comunidade, a São José do Baixio, percebemos que as famílias afrodescendentes são poucas. Encontramos muitas crianças e pessoas mais idosas, pois os jovens migraram para a cidade de Barra do Bugres, em busca de emprego e melhores condições de vida. Dessa forma, aplicamos o

Questionário elaborado por Alkmin; Petter (2009), com o intuito de investigar a existência dos vocábulos de origem africana, na respectiva comunidade. A comunidade em estudo merece uma atenção e estudos mais aprofundados por estudiosos interessados, pois a Comunidade é bastante rica em variações linguísticas, visto que ali residem os mais velhos, que conservam a língua afro-brasileira, em sua maioria. Nos dizeres de Possenti, (2012, p.15) "[...] fazer pesquisa a propósito de língua não equivale a consultar gramáticas e dicionários para verificar o que neles constam ou o que não constam neles". Por isso defendemos a relevância desta pesquisa, haja vista que a conservação de uma variedade linguística está fortemente relacionada à vivência, cultura e a sobrevivência de um povo.

Nossa pesquisa foi dividida da seguinte forma: capítulo 1 – (esta) Introdução; Capítulo 2 - A Sociolinguística: objeto, conceitos, pressupostos; Capítulo 3 - As comunidades afro-brasileiras/quilombolas de Mato Grosso e a relevância de pesquisas sobre as línguas afro-brasileiras: aspectos internos e externos; Capítulo 4 - Contextualizando as comunidades pesquisadas; Capítulo 5 - Análise e interpretação de dados das comunidades quilombolas em estudo; Capítulo 6 - Considerações finais.

Nosso objetivo central será realizar uma análise da Consciência Linguística do **Português falado em comunidades afro-brasileiras, especificamente das Comunidades do Território Quilombola "Vão Grande".**

2 SOCIOLINGUÍSTICA: OBJETO, CONCEITOS, PRESSUPOSTOS

As pesquisas na área de Sociolinguística têm como foco central o estudo da relação entre o uso da língua falada, bem como o seu contexto social. A Sociolinguística se constitui e floresce no momento em que o formalismo, representado pela gramática de Noam Chomsky, alcança enorme repercussão. A sociolinguística tem como objeto o estudo da fala, seja ela observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida são as comunidades linguísticas, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Em suma, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de Variedades Linguísticas. O conjunto de Variedades Linguísticas utilizados por uma comunidade é chamado de Repertório Verbal.

2.1 A variação linguística: um recorte

Lembramos que todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas, e possuem variação geográfica ou diatópica. Em questão, podemos ressaltar ainda, a variação social ou diastrática. Gnerre (2009, p. 11), afirma que uma variedade linguística vale o que valem na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. A variedade padrão é o resultado de uma atitude social ante a língua que se traduz, de um lado, pela seleção de um dos modos de falar entre vários existentes na comunidade e, de outro, pelo estabelecimento de um conjunto de normas que definem o modo “correto” de falar, ou seja, os grupos são socialmente dominantes.

Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, pois ela é um sistema completo que permite que um povo exprima o mundo físico e simbólico em que vive. É absolutamente impróprio dizer que existam línguas pobres em vocabulário, bem como, afirmar que não existem sistemas gramaticais imperfeitos, e dizer que há “meia-língua” é contrassenso. A variação e a mudança linguística estão presentes em toda e qualquer comunidade de fala.

Dessa forma, compreendemos que há diversos fatores que condicionam tais variações, dentre eles, podemos dizer que o “contato linguístico” entre os indivíduos de uma determinada comunidade é abundantemente elevado, de um modo geral, pois, “quanto maior for o contato entre as pessoas que fazem uso da mesma língua, maior será a semelhança entre os seus respectivos atos de fala”. (SOUZA, 2015). Ou seja, quanto maior for o contato linguístico em

uma determinada comunidade, maior será a sua relação entre os atos de fala. E nesse elo entre o linguístico e a elevação desse contato, podemos perceber as marcas: variações regionais, socioculturais, geográficas, dentre outras que estão presentes em uma comunidade de fala.

Uma determinada variação pode ocorrer, tanto na coletividade, quanto na atividade verbal de um indivíduo. Tal fato se dá por conta de os indivíduos serem influenciados por vários aspectos, tais como: locais, históricos e regionais. Esse indivíduo pode ainda, manifestar suas variações dependendo das circunstâncias em que se encontram, pois a fala depende muito do local e do ambiente onde ocorrem os encontros, por exemplo: quando estamos mais à vontade, em uma roda de conversa entre amigos ou em um barzinho, ou até mesmo em nosso asilo, nossa residência, tendemos a apresentar maior incidência de variações, pois se trata da oralidade, sem a presença do formalismo exigido em um ambiente acadêmico ou de trabalho. Assim, as variações raramente estarão presentes, mesmo por que nós mesmos nos colocamos nessa posição de formalidade diante de tais ambientes.

Podemos citar, ainda, as variedades sincrônicas. Elas se estabelecem em um mesmo período de tempo, possuindo sua estrutura e forma comum, abrangendo as variedades regionais, que também são vistas como diatópicas, que por sua vez, ocorrem de região para região, como ocorre com o substantivo “Mandioca”, comumente em algumas regiões do país, porém, na região Nordeste do Brasil ganha outro nome. A mesma raiz, mas a denominam de “macaxeira”.

Dessa forma, isso ocorre porque há vários falares regionais, e socioculturais. Assim, as variações diacrônicas estão relacionadas às diversas manifestações da língua ao longo do tempo. Desse modo, a distinção entre as variedades linguísticas não é facilmente estabelecida, visto que as variações são amplas, na maioria das vezes, em sua atividade verbal. O contato linguístico entre os indivíduos é que determina o grau de variação linguística que ocorre na fala dos indivíduos que falam a mesma língua, ou seja, fazem o uso da mesma língua.

O objeto de estudo desta Dissertação, trata-se da Consciência Linguística e da Variação Linguística no Português, apresentadas pelos nativos da Comunidade afro-brasileira: Vão Grande. A comunidade está localizada a 140 km da capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá e aproximadamente a 74 km do município de Barra do Bugres-MT. Há comunidades constituídas por pessoas que produzem sua própria variação linguística, com palavras, expressões e entonações distintas do meio urbano.

Discutimos também, a atuação de variáveis que, internas à própria língua, se correlacionam com a manifestação do fenômeno em variação. Iniciamos citando exemplo das palavras “cefe” para café, e “feijo” para feijão, “pare de bequinho”, para par de butina, e a expressão “tardeba” que se usa quando se está falando de alguém e esta mesma pessoa chega.

A heterogeneidade linguística é presente nessas comunidades, como notamos em suas falas e conversas livres, através das entrevistas. Assim é que se apresentam as áreas de interesse da Sociolinguística, os conceitos de "variantes" e "variáveis", os eixos de distribuição do fenômeno variável e temas como a sistematicidade, a legitimidade e a estigmatização da variação.

A pesquisa desenvolvida nessa Dissertação investiga, nesse sentido, a influência do contato linguístico entre afro-brasileiros, nomeadamente quilombolas, bem como a Consciência Linguística deles.

O português afro-brasileiro guarda uma especificidade no universo mais amplo do português popular rural brasileiro (ou mais precisamente, norma popular rural do português brasileiro), não apenas pelas características sócio-históricas próprias às comunidades em que ele é falado, mas, sobretudo, pelas características linguísticas que o distinguiram das demais variedades do português popular do Brasil. (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009).

Seguindo esse mesmo ponto de vista linguístico de Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), centram seu trabalho no caráter pluriétnico do Brasil, dando atenção especial às comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, ampliando o conhecimento sistemático acerca da realidade linguística destes grupos e comunidades. Para eles, falantes que denominam de *português afro-brasileiro.* A definição desse conceito fundamenta-se, não em parâmetros étnicos, mas sim, em parâmetros sócio-históricos.

No Brasil não se reconhece uma fronteira linguística determinada com fatores étnicos, como ocorre nos Estados Unidos com o uso do *Black English*, que constitui uma variedade específica da Língua Inglesa, utilizado pelos afro-americanos. Ao contrário, o português afro-brasileiro não é o português empregado pelos falantes afro-brasileiros em geral, pois muitos praticam a norma culta brasileira ou a norma popular urbana, ou rurbana. Assim, o português afro-brasileiro, designa uma variedade constituída pelos padrões de comportamento linguístico de comunidades afro-brasileiras. Temos que saber se o mesmo conceito é aplicável e ocorre na Comunidade Quilombola Vão Grande, onde pensamos que possa haver as variáveis extralinguísticas tais como: migração, imigração, miscigenação.

Como sabemos, a maioria dos estudos linguísticos a respeito dos afrodescendentes são de ordem antropológica e histórica. (LAYTANNO, 1936, 1942; MAESTRI, 1979, 1984; MOREIRA, 2003). Algumas pessoas da Comunidade foram adquirindo forçosamente, em seu processo de integração, ou padrões urbanos de maior valor simbólico, dando origem ao indivíduo **rurbano**, marcado pelo seu caráter híbrido. (ALTENHOFEN, 2008).

Existem crianças de todas as idades, jovens, adultos e idosos que cultivam suas próprias crenças, cultura e história, criando assim, um modo próprio de se comunicar de seu povo, relatos passados de geração em geração e que não possuem registros escritos. Mostramos que a variação linguística não é um fenômeno aleatório, mas sim, um fenômeno regulado por um conjunto de regras passíveis de sistematização. Os fatores externos e as variáveis não linguísticas demonstram a relevância da inclusão desse tipo de variável no estudo da variação linguística e, com esse propósito, apresentam-se as variáveis inerentes ao falante – sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, respectivamente, possíveis variáveis ligadas ao evento de fala – tipo de interação, grau de formalidade do contexto, e tipo de discurso.

Nessa esteira, essas estórias e causos são contados na língua portuguesa, mas que muitas vezes não é possível compreender a pronúncia das palavras, pois pronunciam um sotaque típico dessa região, que muitos os chamam de "Cuiabanos Nativos", mas, a maioria dos idosos nunca sequer foi à capital do estado. Propriamente, são esses quilombolas com idade mais avançada, que não sabem ler e/ou escrever que contam as estórias mais extraordinárias, detalhadas com sons e gestos que fascinam, e não se distingue o real da ficção. Falam com tanta emoção que fica difícil não acreditar. É como se já tivessem lido tal episódio em um livro, ou vivenciado, de fato, o acontecimento. Um exemplo desses causos e histórias é o da "Caça ao Lobisomem", relatada em ricos detalhes pelo Senhor C.C.L, que por certos momentos, realmente nos fez acreditar em seus relatos.

O *corpus* deste estudo foi constituído por meio de aplicação do questionário do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), nas comunidades rurais dentro do Território Vão Grande. Aplicamos o Questionário elaborado por Alkmin e Petter (2009, p. 145-177), composto por 249 palavras de origem africana. Deste modo, apresentaremos um breve histórico das Comunidades compostas no Território em estudo, os discernimentos para a seleção dos entrevistados e coleta de dados.

Sua cultura peculiar, que tem raízes nos povos afrodescendentes, distinta do que estamos habituados, varia desde comer apenas o que a terra oferece (bananão e mandioca), "tchutchar" [tʃu/tʃa] o peixe [pe/tʃe], ou seja, arpoar o peixe na sua loca, usando óculos feitos a partir de fundos de garrafa de vidro, tratar suas doenças com ervas medicinais, a "beber os mortos" (passar a noite velando o corpo e bebendo cachaça em homenagem ao falecido), eles também comemoram, com festas, as datas de todos os Santos da Igreja Católica (dia de São José, Comemoração à Nossa Senhora Aparecida, Dia da Santa Cozinheira, dentre outros.), dançam Siriri e Cururu (danças típicas Cuiabanas), e levam facas amoladas com a intenção de se proteger caso haja alguma briga. Aspectos que chocam e fascinam, mas que fazem parte da

cultura, da rotina desse povo e que se torna a vida social, uma vez que moram afastados de centros urbanos.

De acordo com Macedo-Karim (2017), em uma pesquisa desenvolvida a respeito da variação linguística no falar da comunidade quilombola de Campina de Pedra, no município de Poconé, no estado de Mato Grosso, a africada tchê [tʃe], também é comum no falar dos habitantes da comunidade pesquisada, assim como é semelhante na comunidade Vão Grande.

Essa africada aparece, similarmente, em palavras como tchuva[tʃuva], tchave[tʃave] e tchora[tʃora]. Desse modo, essas comunidades também se assemelham em relação às manifestações culturais, como por exemplo, as rezas realizadas em homenagem aos santos de devoção em que há o momento reservado ao cururu e ao siriri e as danças típicas que os moradores da comunidade mantêm como um ritual.

Os habitantes das quatro comunidades pesquisadas são guardiões da prática dos festejos religiosos e das festas de santo. São pessoas movidas pela devoção e pela fé, e suas identidades coletivas são fortalecidas através da vida em comunidade no Território Vão Grande, denominados Quilombola.

Minayo (2001) considera que:

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 22).

A pesquisa possibilita uma grande aproximação de todos os envolvidos no processo, assim, produzem um sentido de enriquecimento nas narrativas contadas, para uma análise de diversos fenômenos Linguísticos, a Consciência Linguística dessa Comunidade, bem como do grupo social analisado, abrangido por ela.

2.2 Línguas Africanas e Fala

Em se tratando de Variedade e Variação Linguística, é importante salientar, que as cinco comunidades existentes no Vão Grande são heterogêneas, pois não apresentam comportamento linguístico uniforme, portanto, é natural que os efeitos das variações entre línguas sejam mais notáveis em algumas comunidades do que em outras. Com essa pesquisa, primou-se, através de

Questionários Fonético-fonológicos, e lexicais, analisar e observar variações e comportamentos linguísticos existentes nessas comunidades afrodescendentes. É importante salientar, que ainda permanecem nessas comunidades, os reflexos dos processos de variação e mudança induzidos pelo contato entre línguas que marcaram suas origens históricas no interior do estado de Mato Grosso.

Estudar a língua é compreendê-la como: "um sistema de isoglossas comprovada numa comunidade linguística". (BECHARA, 1982; 2009 p. 23). A língua é o código que um determinado grupo social se entende e se comunica. Trata-se de um determinado sistema, por vezes, extenso, mas que envolve uma língua histórica de todos os falantes da comunidade, por exemplo, pautado de fatores que a determinam, seja geograficamente, socialmente e, individualmente.

O modo como variam as falas de acordo com o entendimento, se atribui à extensão desse conjunto de atos linguísticos comuns. Por isso, a língua jamais será um único sistema, e sim, um conjunto de sistemas. Uma mesma língua pode apresentar diferenças internas: seja em seu meio histórico, no espaço geográfico ou no nível sócio cultural. Para tanto, toda língua(gem), se tornam objeto de investigação, por serem um conjunto de variedades linguísticas. Sendo assim, a sociolinguística exerce um papel primordial nos estudos das relações entre a(s) Língua(s) e o(s) Espaço(s) Sociais, bem como no(s) espaço(s) geográfico(s).

Para investigar a presente variedade dialetal do português falado em Comunidades Afro-brasileiras Rurais/Urbanas, descendentes de povos africanos, localizadas no estado de Mato Grosso, contextualizamos, a priori, a origem étnica dessas populações fazendo um levantamento histórico e social seguindo a perspectiva teórica pluridimensional de Radtke e Thun (1996), em que os autores incluem, nas pesquisas linguísticas, diferentes dimensões espaciais e sociais em comunidades de fala distintas.

A palavra falada é de muita importância nas sociedades africanas. A escrita é uma invenção existente em várias sociedades africanas. (CUNHA JUNIOR, 2007). Segundo o autor, a palavra falada ocorre em regiões da Etiópia, do Egito, da Núbia, e a presença da palavra é tida como um valor de prestígio social, pois decorre da oralidade, e este tem grande prestígio nas sociedades africanas. A oralidade funciona como uma matriz cultural que constrói o discurso e obtém diversos empregos em diferentes sociedades do continente. Desse discurso oral, emergem a mitologia, as histórias, provérbios e literaturas. A oralidade africana é um conceito amplo, que abrange oratória, tradição oral, inscritura, história oral e literatura oral. O discurso verbal é tido e composto por diversas formas de expressão, tais como a música, o teatro, e a dança. O maior valor social africano é um dos mais importantes para o conhecimento das

sociedades africanas e está associado à "palavra falada". (MUNANGA, 2012, p. 61-63). A palavra falada seria o sinônimo de criação na sociedade da África, e, por sua vez, a palavra tem um dom transformador. Assim que nasce uma criança, ela é imediatamente classificada como na categoria de coisas, seres animados, ou seja, não é um ser humano até que através da "palavra falada" alguém dê um nome e o pronuncie. A palavra tem o poder de transformar o ser animado em um ser com potencial humano, passível de inteligência que será desenvolvida no decorrer da vida. O ato de falar, envolve muitos aspectos interessantes em sua sociedade: eles pensam que os tambores também "falam", pois, a síntese de transmissão de informação desses tambores é realizada, em alguns povos africanos, os quais acreditam que a fala do tambor é uma forma de comunicação com o mundo espiritual.

A investigação acerca das línguas africanas se baseou nos estudos de Nina Rodrigues (2010), Jacques Raimundo (1931), Arthur Ramos (2001), dentre outros. De acordo com Amaral (1976), apesar do escasso número de estudos acerca do português falado no Brasil, não se pode dizer que as variedades linguísticas existentes em nosso país sejam conhecidas, ou seja, ainda não se pode dizer em que consiste o português do Brasil, em toda a sua multiplicidade e extensão.

Os grupos, que hoje são considerados remanescentes de comunidades de quilombos se constituíram, a partir de uma grande diversidade de processos. Inclui as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, as heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, além da compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata, quanto após a sua extinção.

A promulgação da Constituição Federal de 1988, Brasil (1988), e a necessidade de regulamentação do Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias provocaram discussões de cunho técnico e acadêmico[1] que levaram à revisão dos conceitos clássicos que dominavam a historiografia sobre a escravidão. Instaurou-se, assim, a relativização e adequação dos critérios para se conceituar quilombo. Para que hoje possa ser contemplada por esta categoria, a maioria dos grupos que reivindica a titulação de suas terras, deve demonstrar, por meio de estudos científicos, a existência de uma identidade social e étnica por eles compartilhada, a antiguidade da ocupação de suas terras e, ainda, suas "práticas de resistência

[1] Especialmente no III Encontro Nacional sobre Sítios Históricos e Monumentos Negros (Goiânia: 1992); na Reunião do Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais, da Associação Brasileira de Antropologia (Rio de Janeiro, outubro de 1994), e na reunião técnica "Reconhecimento de Terras Quilombolas Incidentes em Domínios Particulares e Áreas de Proteção Ambiental" (São Paulo, abril de 1997).

na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar" [2]. (BRASIL, 1988).

A condição de "remanescente de quilombo" é definida de forma ampla e enfatiza os elementos identidade e território. Com efeito, o termo em questão indica: "a situação presente dos segmentos afrodescendentes em diferentes regiões e contextos , assim sendo utilizado para designar um legado, uma herança cultural e material que lhe confere uma referência presencial no sentimento de ser e pertencer a um lugar específico" [3]. (BRASIL, 1988).

Diante do exposto, o estudo científico a ser realizado a partir da análise linguística da fala dessas comunidades, apresenta novos elementos para o significativo debate a respeito da relevância da influência de línguas africanas na constituição histórica do Português do Brasil (doravante PB).

O panorama que se apresenta em Mato Grosso é notadamente rico em variação linguística, especificamente em áreas de remanescentes de quilombos e tem como objetivo principal tornar explícito nesses espaços plurilíngues a origem e o resultado do contato com outras realidades linguísticas, principalmente línguas autóctones (indígenas), alóctones (imigração) e línguas de fronteira.

O modelo de pesquisa sobre variantes linguísticas, já descrito em outras pesquisas, sobre comunidades afro-brasileiras e suas correlações com o português padrão, será relacionado à variação horizontal (diatópica) com parâmetros de ordem social, tais como idade, escolaridade, sexo, bilinguismo, multilinguismo, etnia, ritualística, em suma, o princípio da pluridimensionalidade da análise da variação linguística. (THUN, 1998, p. 789).

2.3 Língua Brasileira x Língua Portuguesa

No que concerne às línguas africanas, como pôde ser observado, podem-se distinguir dois momentos que correspondem a dois tipos de análise: o primeiro é caracterizado pela afirmação da influência africana no Português Brasileiro, e o segundo, pela hipótese da crioulização do Português do Brasil em contato com as línguas africanas. A solução do problema linguístico no Brasil reclama, pois, a inversão dos termos em que geralmente o temos visto posto até hoje. Não se trata de conhecer a linguística africana pelo estudo aprofundado das línguas dos escravos importados. Cessado o tráfico, tornou-se isso quase inexequível. Trata-

[2] Cfe. João Pacheco de Oliveira e Eliane Cantarino O'Dwyer, ABA, 1994.
[3] José Milton Garcia publicado em *Quilombos em São Paulo: tradições, direitos e lutas,* org. Tânia Andrade (1997:47).

se, em primeiro lugar, de saber quais foram as línguas africanas faladas no Brasil e, em segundo lugar, tomando conhecimento dos modernos estudos sobre elas, realizados na África, apreciar a influência que exerceram sobre o português falado no Brasil. (RODRIGUES, 1932, p. 126).

Silva Neto (1950) sustenta que, no Brasil, houve somente falares africanos episódicos, crioulos e semicrioulos, que eram apenas uma deformação e uma simplificação do português. Seus vestígios atuais são os dialetos rurais. Foi a ascensão social do mestiço que transformou o português padrão em ideal e levou ao desaparecimento dos crioulos e semicrioulos.

Guy (1981; 1989), trabalhando no quadro da teoria variacionista, analisou as diferenças existentes entre o português popular do Brasil e o português padrão. Concluiu que essas distinções não se devem a uma evolução linguística natural, mas mostram um processo de crioulização que teria ocorrido no passado, deixando, entretanto, traços no presente. Suas conclusões baseiam-se em dados morfossintáticos, mais precisamente na variação da concordância de número entre sujeito e verbo e entre substantivos, adjetivo e determinante.

3 AS COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS/QUILOMBOLAS DE MATO GROSSO E A RELEVÂNCIA DE PESQUISAS SOBRE AS LÍNGUAS AFRO-BRASILEIRAS: ASPECTOS INTERNOS E EXTERNOS

De acordo com Souza (2015), o reconhecimento, por parte do Estado, da existência de comunidades afro-brasileiras rurais como uma categoria social carente de demarcação e regularização das terras que ocupam desde há muito e às quais se convencionou denominar comunidades remanescentes de quilombos, traz à tona a necessidade de redimensionar o próprio conceito de quilombo, a fim de abarcar a gama variada de situações de ocupação de terras por grupos afrodescendentes e ultrapassar o binômio fuga-resistência, instaurado no pensamento corrente quando se trata de caracterizar os quilombos.

A presente pesquisa foi realizada nas comunidades afro-brasileiras rurais que participarão inicialmente da pesquisa. Localizadas no Mato Grosso são as previamente identificadas pela Fundação Cultural Palmares, entidade vinculada ao Ministério da Cultura (MinC)[4]. São as comunidades quilombolas: **São José do Baixio, Morro Redondo, Camarinha, Vaca Morta**, todas localizadas no Município de Barra do Bugres-MT. As comunidades escolhidas por nós para investigação linguística, até certo ponto, são desconhecidas pela comunidade acadêmica em geral, com descendentes diretos de escravizados e de donos das antigas fazendas com escravizadas. Essas comunidades se enquadrariam ao perfil da pesquisa Sociolinguística que nos propusemos em realizar: característica de rural, isolada e de difícil acesso; descendentes de escravizados africanos; habitantes de diversas faixas etárias, inclusive acima de 80 anos. Esses fatos, por 444 da Lista de Comunidades Quilombolas de Mato Grosso previamente identificadas pela Fundação Cultural Palmares, entidade vinculada ao Ministério da Cultura (MinC)[5].

Trata-se de uma pesquisa para demonstrar fenômenos Linguísticos existentes nas comunidades Quilombola, já mencionados. Godoy (1995), explica que:

> Segundo essa perspectiva, um fenômeno pode ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando "captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p.21).

[4] http://www.palmares.gov.br
[5] http://www.palmares.gov.br

Frente à impossibilidade de podermos considerar o Estado de Mato Grosso como um bloco linguístico uniforme, precisamos partir do pressuposto de que o português mato-grossense comporta subvariedades que podem ser associadas a micro áreas de variação, condicionadas por fatores socioculturais, históricos e geográficos, entre os quais áreas de fronteiras, de serras, de campo, bem como área de imigração e colonização (antigas e recentes), rurais e urbanas. Desse modo, se faz necessário considerar a dimensão diatópica das comunidades afro-brasileiras do Vão Grande, seu contexto geográfico e histórico, evitando assim, generalizações que impediriam a análise e a observação de processos regionais particulares que caracterizam as respectivas comunidades: São José do Baixio, Camarinha, Vaca Morta e Morro Redondo e permitem comparar e compreender melhor os diversos fatores sociais subjacentes ao comportamento linguístico dos falantes de cada ponto da pesquisa.

3.1 Dialetologia Pluridimensional e Sociolinguística: conceitos e origens

Tendo em vista que essa pesquisa tem como foco os estudos das variações linguísticas, e também as entender em seus espaços geográficos, considerando assim, justificamos nosso estudo, em função de compreender as mudanças linguísticas advindas ao longo do tempo e da constatação dos fenômenos em estudo. Desse modo, a língua é considerada um fruto histórico e, ao mesmo tempo uma unidade idealizada, devido à impossibilidade de alcançar o título de Língua homogênea, ou seja, única.

A língua jamais será um sistema único, e sim um conjunto de sistemas, pois uma mesma língua apresenta diversas diferenças internas, seja no aspecto expressivo, no espaço geográfico, no estilo, ou no nível sociocultural. Por isso, toda língua é objeto de investigação, por ser um conjunto de variedades linguísticas, então a Sociolinguística estuda a relação entre o espaço social e a Língua, já a Dialetologia também estuda o aspecto social da língua, porém vai além do social. “A ampliação das dimensões e parâmetros como contribuição para uma mais acurada análise da variação”. (RADTKE; THUN, 1996, p. 30), levou em conta as inúmeras mudanças ecológicas pelas quais passam as sociedades. Diante disso, buscamos conciliar modelos teórico-metodológicos que se inter-relacionam por terem uma literatura comum, até certo ponto, com relação aos estudos da variação. Para o bom desenvolvimento da pesquisa, temos como base, a Dialetologia Pluridimensional adotada por Thun (1998) e Radke & Thun (1996):

> La Dialetología areal, monodimensional por tradícion mayoritaria pero no por necesidad intrínseca, ES una sociolingüística (y pragmática) limitada. La

> Sociolingüística, multi-dimensional por tradicíon pero reacia AL espacio, es una dialectoligía limitada. (THUN, 1998, p. 702).

A Dialetologia é uma ciência geral da variação linguística e das relações, entre variantes e variedades, ou seja, variantes e variedades de um lado, e falantes de outro. (SOUZA 2015, p. 63). Nas pesquisas de Altenhofen (2008), ele afirma que:

> [...] Os contatos linguísticos encontram-se na raiz da ocupação do território e, consequentemente, da formação do português falado nessa área do sul do Brasil. Trata-se, assim, de uma variável imprescindível para uma descrição mais precisa da constituição do português rural aí falado. (ALTENHOFEN, 2008, p. 152).

O estreito contato do português com línguas africanas, durante o período colonial, sempre foi relegado a um segundo plano. Esses achados podem ser relevantes à compreensão da configuração e das tendências atuais da língua falada na zona rural e urbana brasileira, na medida em que podem explicar a distância que a separa do português padrão e a direção dos processos de mudança que nela se verificam.

Essa pesquisa pode contribuir também à compreensão da situação atual da língua falada nos centros urbanos, já que um quadro sócio-histórico mais acurado do desenvolvimento do português na zona rural é essencial para se avaliar o impacto linguístico sobre a norma urbana da migração em massa do campo à cidade, que se verificou ao longo dos séculos XIX e XX.

Thun (1998, p. 704-705), explora ainda, um esquema onde a ideia de uma "dialetologia pluridimensional", pode ser compreendida como a ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades de um lado e falantes de outro, sendo resultado da confluência das disciplinas citadas acima. Essa dialetologia não deixaria de ser geolinguística porque não renuncia à variação diatópica e à sua superfície bidimensional, mas esta preferência por macroanálises não exclui a possibilidade de trabalhar com *mesozonas y microzonas*.

Assim, nas palavras de Thun (1998), cria-se "novos campos de observação" onde: "El espacio variacional de la Dialectología pluridimensional no comprende solamente los dialectos "puros" preferidos por la Dialectología tradicional o los sociolectos de La Sociolingüística". (THUN, 1998, p. 706).

Portanto, à dimensão diatópica ou areal da geolinguística tradicional se incorporariam outras dimensões, tais como a idade (dimensão diageracional), o sexo (dimensão diassexual), a escolaridade (dimensão diastrática), a fala espontânea (dimensão diafásica), o quilombo (dimensão diagrupal), a língua de contato e ritualística (dimensão dialingual), o ser quilombola

(atitudes linguísticas) entre outras, visando descrever com maior profundidade os fenômenos de variação linguística. É observável no modelo de Dialetologia Pluridimensional adotado por Thun (1998), que explica a distinção da Dialetologia tradicional, da Sociolinguística e da Dialetologia Pluridimensional, assim, podemos concluir que "a Pluridimensionalidade almeja evitar conclusões perigosas da dialetologia monodimensional da suposta uniformidade e ausência da variabilidade linguística". (SOUZA, 2015, p. 67). Assim, a dialetologia pluridimensional, além de suprir as lacunas existentes na Sociolinguística e na Tradicional, vai à frente, analisando as diferentes variáveis e o diferencial: em diversos pontos geográficos.

Em resumo, com o auxílio da dialetologia pluridimensional a ser empregada para a descrição da variação na fala de afrodescendentes de Comunidades Afro-brasileiras Rurais/Urbanas de Mato Grosso, trazemos à tona, com esse estudo, o "modelo variacional de maior alcance metodológico e que considera novas possibilidades de levantamento de dados", somar a uma literatura pujante e mais completa. (RADTKE; THUN, 1996, p. 48).

3.2 Variedade do Português falado na Comunidade Quilombola Vão Grande

Para investigar a variedade do Português falado nas Comunidades afro-brasileiras rurais localizadas no Estado de Mato Grosso, mais precisamente no município de Barra do Bugres, procurou-se inicialmente contextualizar as comunidades selecionadas quanto à origem.

O estudo linguístico das comunidades quilombolas ou comunidades afro-brasileiras rurais/urbanas que ainda existem é relevante não apenas no âmbito da ciência linguística, mas como pode representar também, uma importante contribuição para o conhecimento da cultura das minorias brasileiras de origem africana, já que se dedica a um aspecto pouco considerado da cultura desse segmento, que vem sendo marginalizado ao longo do nosso processo civilizatório.

Muitas dessas comunidades constituem remanescentes de antigos quilombos e a busca de sua identidade histórica e cultural tem, em muitos casos (como o da comunidade de Rio das Rãs, no alto São Francisco, São Pedro e Nhunguara, no Vale do Ribeira-SP, Caçandoca, em Ubatuba, Litoral Norte de São Paulo, Cafundó, na região de Sorocaba-SP, Furnas da Boa Sorte, no município de Corguinho-MS e Tia Eva, na cidade de Campo Grande-MS), um sentido prático imediato, pois a afirmação dessa identidade tem, ao abrigo da constituição brasileira, implicações diretas sobre uma questão que lhes é de fundamental importância: a efetivação do direito à terra.

Como nosso estudo tratará de língua em contato em comunidades afro-brasileiras, passamos pela dimensão diageracional, pois conforme Souza (2015, p. 66):

> [...] a dimensão diastrática passa a ser específica para distinguir comunidades afro-brasileiras rurais de urbanas. A dimensão diageracional divide os falantes conforme sua faixa etária, onde evitarão as exclusões prévias das estatísticas e a dimensão diassexual se divide em homens e mulheres; a dimensão diafásica que opõe a linguagem informal e forma ou outras variantes situacionais, como rituais religiosos de matriz africana, finalizando a dimensão diarreferencial que opõe a fala objetiva à fala metalinguística. (SOUZA, 2015, p. 66).

Os dados relativos à sua realidade linguística podem assim, entrar em linha de contato nesse processo. (cf. MUSSA, 1991; CARENO, 1997; SOUZA, 2000; SOUZA, 2016).

3.3 O registro de vocábulos e Palavras em Língua Portuguesa (Português Brasileiro) de Origem Africana

Os primeiros dicionários da língua portuguesa já registram a presença de termos de origem africana. Na comunidade quilombola pesquisada, Vão Grande, percebemos palavras oriundas da África.

Bonvini (1998) aponta para as anotações feitas por dois estudiosos: R. Bluteau (1772), autor do Vocabulário português e latino, e A. Moraes e Silva (1789), autor do Dicionário de Língua Portuguesa composta pelo padre Rafael Bluteau, reformado e acrescentado, em que estão incluídos termos de origem africana em uso no Brasil, como por exemplo, cacimba, mucama, moleque (Bluteau), cafuné, mandingueiro e mucama (MORAES E SILVA, 1789).

3.4 Consciência Linguística

No século XIX Saussure (2006; 2012), instaura a Linguística enquanto ciência e dá-lhe um caráter científico, mostrando que a língua e a fala são distintas, porém, juntas constroem um conceito de significantes e significados em que o falante possui a sua própria característica de fala, enquanto a língua entra para a estruturação do que é dito, trazendo uma linguagem movida à imagem e conceitos. A partir daí os caminhos se abrem à Consciência Linguística (CL), que outrora era apenas um conceito vago, com diversos pensamentos, e tratada de modo superficial. Saussure problematizou o conceito de língua no modo indutivo, e esse fato, no decorrer do

tempo, chamou a atenção de vários outros linguistas que buscavam compreender a língua por meio das observações feitas por ele.

À medida que estudamos a língua, ela nos permite saber o que se diz sobre consciência linguística, propostos em diferentes modos. Na base teórica estruturalista Saussure (2006), trata a língua de modo não biológico, pois, no decorrer dos anos, a crianças ao ouvirem outras pessoas falando, entram em contato direto com a língua. Desse modo, foi surgindo o aprendizado em/da língua materna, em que o falante cria a sua própria fala. Na teoria gerativista, a língua é tratada como algo biológico, que para Chomsky (1986), a língua é internalizada adquirindo conhecimento intuitivo dela em/no modo inconsciente, criando uma gramática mental da língua materna.

Partindo desses pensamentos, as infinidades das combinações que a estrutura da língua nos propõe a fazer, crescem conosco desde crianças. Esse conceito linguístico involuntário é construído pelo falante de modo espontâneo, que busca compreender os enunciados sem conhecer as regras gramaticais. Ao longo dos anos, os estudos voltados para a área, mostram que a linguagem é desenvolvida oralmente, mas em seguida, esses conceitos foram se expandindo e, atualmente, a linguagem se divide entre a língua e a fala, sendo que a língua pode ser tanto oral quanto visual. Vale ressaltar que mesmo antes da existência da escrita, o mundo já era constituído na/pela e através da oralidade.

Podemos observar que a estrutura inconsciente da linguística vem antes dos estudos linguísticos, firmados enquanto ciência. Portanto, os questionamentos voltados à língua, começaram com os estudos das gramáticas comparativas e o estudo da fonética, em que os estudiosos buscavam compreender o som. Assim, perceberam que cada um, a partir da fala, mostravam sons diferentes. Para poder definir e estruturar os sons descobertos surgiu a fonologia acrescentada à área da fonética. Assim, foram se estruturando os sons e o modo como eles eram utilizados pelos falantes.

À proporção em que a fonologia foi definindo os fonemas, houve outra necessidade da língua, ou seja, a compreensão da formação das palavras. Desse modo, surge a morfologia, que estuda a estrutura da palavra, as modificações conforme a fala, o que mudava dentro da fonética e da fonologia, distinguindo as palavras de apenas uma simples grafia ou de um fone.

Como a fonologia, a morfologia se ocupa em mostrar as variações que ocorre dentro da palavra, o que se ganha e o que se perde. Dentro das três partes que impulsionaram a linguística, entra a semântica que dá o significado das palavras no decorrer do uso em cada sentença, em que encaixa, também, a sintaxe, que trabalha o contexto morfológico juntamente com o fonológico em uma sentença atribuída a uma frase. Portanto, tendo em vista essas subáreas da

linguística, em que cada uma estuda uma parte da língua, da fala, é feita uma divisão dessas ciências no espaço escolar, no sentido de que não confunda os alunos, assim que eles entram em contato com os estudos linguísticos.

A Conscientização linguística (CL), traduzida do inglês *language awareness*, é abordada, partindo do conceito apresentado pela *Association of Language Awareness*, no qual define a CL como um conhecimento explícito sobre a língua, uma percepção consciente e uma sensibilidade na aprendizagem de línguas, no ensino de línguas e no uso de línguas. Complementando, Donmall (1985, p. 7), diz que a CL se refere à sensibilidade e à consciência do indivíduo sobre a natureza linguística e seu papel na vida humana, que pode servir como uma ferramenta poderosa na comunidade quilombola Vão Grande.

Carl James (1996, p. 140), por sua vez, define a CL como a posse da metacognição, não somente sobre a língua materna, mas sobre as línguas em geral, ou ainda, sobre uma língua em particular, na qual o indivíduo tenha proficiência e um conjunto coerente de intuições. James finaliza, defendendo que em uma aula de língua (seja ela materna ou estrangeira), o professor deve dar liberdade para o aluno conversar sobre sua Língua Materna (LM), referindo-se a Línguas Minoritárias – ou sobre alguma língua estrangeira, tanto separadamente, quanto especialmente, sobre a relação que pode ter entre elas.

O contato que a criança tem com a consciência linguística é antes de ela ir à escola, pois já entra com um vocabulário bem robusto e um conhecimento prévio da língua, e entende a língua e suas estruturas sintáticas, morfológicas e fonológicas, manifestando esse conhecimento através das próprias conversas entre os pares, e o interesse em rimas e em músicas.

Portanto, Gonçalves (2011), faz uma observação quanto à consciência linguística, dizendo que a criança a apresenta quando entra em contato com as rimas e a sensibilidade que elas possuem com sons (voltado à fonologia), as correções na própria fala, mostrando a consciência morfológica, e sequências sintáticas como: muro cavalo soltou, questionando quando a frase não faz sentido. A consciência criada se dá pelo fato do convívio que a criança tem com as pessoas, e vai adquirindo o conhecimento superficial das línguas.

Os trabalhos sobre consciência linguística têm sido desenvolvidos, quer no contexto da Linguística Educacional, quer no contexto da Psicologia e da Psicolinguística, tendo impacto não somente a respeito da literacia e a estabilização das estruturas de desenvolvimento tardio, mas como também, sobre o diagnóstico e a intervenção terapêutica em perturbações da linguagem. (COSTA E GONÇALVES, 2017. p, 410).

Podemos questionar o contexto da linguística educacional nas escolas, pois há muitas crianças que, no que se refere ao contexto fonológico, não conseguem distinguir a fonética no

momento da grafia, ao redigir um texto; isto faz que as crianças fiquem confusas na aquisição da língua materna. No âmbito escolar, em alguns casos, muitas vezes os pais ignoram a consciência linguística do filho quando apresenta falhas, e demoram a tomar providências, com argumentos de que ao crescer as coisas melhorarão, todavia, muitas vezes, precisam de intervenção terapêutica, por conta de casos peculiares, como um déficit no desenvolvimento da consciência linguística, ou traumas, por ser corrigido de modo inadequado.

Partindo da inadequação, os estudos linguísticos buscam mostrar o adequado quando estudado e aplicado de modo eficaz, visando melhorar as habilidades que já foram adquiridas pelo nativo, tanto na escrita, quanto em outros aspectos, tais como orais e comunicativas. (DUARTE 1998; 2008). Assim, os estudos buscam ajudar, tanto aqueles que apresentam dificuldades por motivos aleatórios, quanto os que precisam apenas aprimorar o que já sabem.

De todo modo, a consciência linguística se manifesta em diferentes fases: a capacidade de compreender uma ambiguidade semântica em uma frase (consciência semântica), fazer combinações e manipulações da língua (consciência sintática) e diferenciar palavras que possuem sons semelhantes (consciência fonético-fonológica). No decorrer dos estudos na escola, a criança começa a ter uma melhor desenvoltura da sua consciência linguística, saindo do básico aprendido de modo natural, e especificando as partes que compõem um som e aquilo que difere a língua da grafia, utilizada nos textos, como: fonemas, sílabas, morfemas, conceito de morfologia, sintaxe e semântica. (DUARTE, 2008).

São esses meios que mostram ao estudante as regras e combinações finitas que a sua língua materna lhe possibilita fazer, como é trabalhado por Chomsky em sua gramática gerativa. Portanto, o aprendizado da língua é progressivo, começa com a exploração de palavras até a contextualização e a utilização, deixando de ser implícito para se tornar explícito em diversos âmbitos, sendo oral ou escrito.

A contribuição da escola para que o desenvolvimento da criança seja eficaz, é de suma importância. Sim-sim (1997), diz que:

> A escola deve contribuir para o crescimento linguístico de todos os alunos, estimulando-lhes o desenvolvimento da linguagem e promovendo a aprendizagem das competências que não decorrem do processo natural de aquisição. (SIM-SIM et al. 1997, p. 35).

O aspecto natural da língua como já citado é progressivo quando a criança começa a fase de alfabetização, no entanto, não são apenas as crianças, os adultos também ganham perante aos estudos linguísticos, indo além do funcional apresentado na escola, visando também, a diferenciação entre língua e estilos, já que a consciência se constrói a partir do

histórico-cultural do falante. Dentro da escola, esse falante aprende sobre esses conhecimentos voltados à língua, elevando o conhecimento da língua e explicitando-a cada vez que a conhece mais.

Portanto, ao abrir o questionamento sobre o que é consciência linguística, ela se consagra em um estádio intermédio entre o conhecimento intuitivo da língua e o conhecimento explícito, caracterizado por alguma capacidade de distanciamento, reflexão e sistematização. A chamada consciência linguística traz diversos teóricos que trabalham com esse conceito. Verity (2003, p. 133) a defende como uma subárea da Linguística Aplicada e argumenta que a consciência linguística investiga o conhecimento do aprendiz "para trazê-lo para a superfície, torná-lo consciente e transformá-lo em ferramentas disponíveis para os aprendizes". Contudo, é de suma importância a compreensão dessa consciência e de sua aplicação, pois ela está aflorando o conhecimento das crianças. Sendo assim, os estudos sobre consciência linguística têm demonstrado sua relevância no contexto de ensino de línguas. (CARTER, 2003; ELLIS, 2006; SVALBERG, 2007).

Nesse sentido, tanto a linguagem (como meio de comunicação e interlocução), e o letramento (capacidade que a criança deve ter para ler, interpretar e produzir textos com sentido social), exercem papel fundamental nos conteúdos a serem ensinados aos alunos e ainda são temas pouco presentes, por exemplo, em cursos de formação para professores.

No Brasil, não são todos que possuem uma consciência linguística, digamos elevada, por conta dos aspectos histórico-culturais, pois não são todas as crianças que em sua idade média de 6 a 7 anos, conseguem ir às creches ou escolas, ou por motivo financeiro ou por falta de creches suficientes disponibilizadas pelo Estado. Portanto, podemos compreender que, ao mesmo tempo em que existem crianças com uma consciência linguística apurada, existem aquelas que não a possuem.

Outro problema é a formação desses alunos, que Bryant e Bradley (1987), relatam que há dois déficits que são constantes o "leitor fraco" e o "mau leitor". No entanto, as crianças que possuem contato com a leitura, fazem observações que eram antes ignoradas por elas, como constata Gough e Larson (1995, p.15), "A consciência fonológica requer que a criança ignore o significado e preste atenção à estrutura da palavra". Dessa forma, a consciência linguística tem o conceito de estruturação da língua com o decorrer dos anos e os aprimoramentos com os contatos que as crianças têm com a língua.

Sendo a assim, as características e conceituações da consciência linguística, são formadas pelo tripé da gramática normativa na atualidade, quais sejam: a fonologia, a morfologia e a sintaxe, com prioridades para a progressão conforme as crianças vão crescendo.

Para a Linguística Aplicada, trabalhar a língua é trazer a prática social e a compreensão dela; logo, o estudo da língua implica no estudo da sociedade e da cultura das quais ela faz parte. Tais perspectivas requerem sua observação no uso que se faz dela nos diferentes contextos socioculturais por sujeitos socialmente e historicamente situados, dessa forma, não homogêneos.

A sociolinguística vem enfatizando, desde o seu início, que o comportamento linguístico e sociocultural não é homogêneo, mas que existem diferenças, sendo que essas são sistemáticas e coerentes, assim como a sociedade é heterogênea, complexa e multifacetada. Nesse sentido, necessariamente, para se estudar a língua deve-se estudar a cultura e a sociedade da qual ela é parte constitutiva e constituinte. Assim, levamos em consideração os aspectos culturais que os estudantes denominados quilombolas do Território " Vão Grande" trazem consigo durante as aulas na Escola Estadual José Mariano Bento, localizada na Comunidade São José do Baixio.

4 CONTEXTUALIZANDO AS COMUNIDADES PESQUISADAS

4.1 A Educação Escolar Quilombola no Território da Comunidade Vão Grande

Entendemos que a realização da pesquisa propicia uma contribuição à efetivação das políticas educacionais e curriculares da Educação Quilombola em todo o Brasil. Assim, levamos em conta os saberes constituídos nas comunidades, considerando princípios que se fundamentam, se informam e se alimentam dos "festejos," tradições e usos de elementos, que configuram o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país, conforme disposto no Art. 1º da Resolução n. 8, de 20 de novembro de 2012, que define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

Além disso, pode também contribuir com o debate sobre as comunidades quilombolas de todo o Brasil, no que se refere à visibilidade dessa população, por vezes esquecidas, à produção de seus próprios conhecimentos, contribuindo dessa forma, para o estímulo de efetivações de políticas públicas à sua inclusão social em áreas onde tenha sido excluída.

Reconhecemos que as pessoas que vivem no meio rural são aquelas que fazem parte das mais excluídas, estigmatizadas, seja dos direitos sociais, até mesmo do direito à Educação. Em Mato Grosso, existem as comunidades quilombolas, em sua maioria, tidas como invisíveis aos olhos do Poder Público e seus gestores. Especificamente, o Território Vão Grande, e as cinco comunidades nele existentes: São José do Baixiu, Camarinha, Morro Redondo, Retiro, Vaca Morta.

A necessidade fez com que essa comunidade se virasse com o que a terra lhes "dava". Retiravam dela e do rio (Jauquara) seus alimentos, como banana, mandioca e peixe. Sabemos que hoje, os grupos considerados remanescentes de comunidades de quilombos, se constituem a partir de uma diversidade de processos: incluem fugas com ocupação de terras livres, na maioria terras isoladas, ou vinda de doações, ou de herança, ou pagamento de serviços prestados ao Estado, simplesmente por permanecerem e ocuparem essas terras, bem como viver do cultivo no interior de grandes plantações, ou com a compra das terras, tanto no período de vigência do sistema escravagista, quanto após a sua extinção.

4.2 O território Quilombola Vão Grande no município de Barra do Bugres-MT

Percebemos que existem poucos estudos sobre as Comunidades afro-brasileiras de Barra do Bugres-MT. O território Quilombola Vão Grande está localizado a 74 km do município de

Barra do Bugres, contendo em sua geografia, altos morros, e a serra denominada Serra das Araras, fazendo que esteja rodeada e "protegida" pelas serras. O Rio Jauquara passa bem próximo às comunidades, sendo um rio ora violento e hostil, mas dependendo do seu volume de água é considerado um local turístico, devido às suas belas cachoeiras, fauna e flora.

Conforme Brasil (1988), em seu Art. 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, dá-se o direito aos remanescentes das comunidades quilombolas à propriedade de terras, competindo ao Poder Público a demarcações das áreas e às expedições dos referentes títulos. Partindo desse ponto de vista, pressupõe-se, que se encerrariam certos problemas de ordem prática, como no ponto referente à identificação dos sujeitos do mencionado direito. Diante da ausência de uma lei nacional sobre o assunto, o Poder Executivo oferece cumprimento ao direito à Constituição, expedindo Decretos regulamentados ao assunto. Neste sentido:

> Entra em vigor o Decreto n. 4.8871 de 2003, o qual revogou o Decreto n. 3.912 de 10 de setembro de 2001. O Decreto atualmente em vigor aponta os seguintes critérios para identificação dos remanescentes das comunidades dos quilombos, de acordo com seu art. 2º: 1) a auto atribuição; 2) a trajetória histórica própria no contexto do coletivismo; 3) territorialidade; 4) a presunção de ancestralidade negra realizada com a resistência à opressão histórica sofrida. (BRASIL, ADCT, 1988).

A partir dessa CF/88, as comunidades afro-brasileiras tiveram seus direitos reconhecidos, suas identidades e o reconhecimento de suas terras. Assim como a Fundação Cultural dos Palmares, que foi instituída em 22 de agosto de 1988, essa Instituição, vinculada ao Ministério da Cultura (MinC), foi um passo significativo na luta pelos direitos dos afro-brasileiros, sendo seu objetivo principal promover e preservar a cultura afro-brasileira, adversa com a igualdade racial e com a valorização das manifestações de matriz africana. A fundação estabelece e implanta políticas públicas que potencializam a participação da população negra brasileira nos processos de desenvolvimento do país, significando assim, o primeiro órgão federal criado para promover a preservação, a proteção e disseminação da cultura negra.

Observemos os mapas a seguir, em que podemos notar o Complexo Quilombola "Vão Grandes", as comunidades: Morro Redondo, Camarinha, São José do Baixio, Vaca Morta e sua posição no Estado de Mato Grosso.

FIGURA 1 - COMPLEXO QUILOMBOLA VÃO GRANDE

FONTE: *Google Earth.* Disponível em: https://www.google.com.br/maps/@-15.0532026,-56.6167086,108506m/data=!3m1!1e3

FIGURA 2 - MAPA TOPOGRÁFICO DO ESTADO DE MATO GROSSO

FONTE: *Google Earth.* Disponível em: https://www.google.com.br/maps/place/Mato+Grosso

FIGURA 3 - MAPA POLÍTICO DO ESTADO DE MATO GROSSO

FONTE: Mapas Brasil. Disponível em: http://www.mapas-brasil.com/mato-grosso.htm

Nesse contexto de evidentes “contatos linguísticos” (ALTENHOFEN, 2008), buscamos, nas comunidades de fala, a identificação de uma variedade afro-brasileira e uma variedade do português afro-brasileiro, assim como a definição dos parâmetros de análise e interpretação dos dados como fatos sincrônicos que suscitaram uma mudança de paradigma no enfoque da variação linguística nessas comunidades.

4.3 Palavras de Origem Africana: breve conceito

Para identificamos traços linguísticos deixados pelos escravos, em contato com a Língua Portuguesa (PB- Português Brasileiro),demanda muito tempo de estudos, e dentre as variadas teorias encontradas, temos a obra entitulada: *África no Brasil: a formação da língua portuguesa,* publicado pelo Editora Contexto em 2008, com reedição em 2009. Conforme os seus oraganizadores: José Luiz Fiorin e Margarida Petter, a sua publicação se justifica por ser uma área desprovida de muitos estudos e bibliografia. Tania Alkimin , Margarida Petter, e Esmeralda Vailatti Negrão são pesquisadores brasileiros que discorrem sobre o assunto abordado na Obra, bem como pesquisadores franceses: Emilio Bonvi, Jean-Louis Rougé, Nicolas Quint e Bernard Caron. Essa obra traz à tona uma junção de pesquisadores franceses e

brasileiros em busca de respostas acerca de suas inquietações sobre o contato Linguístico das Língua Africanas com o Português Brasileiro.

No capítulo 6 em específico, entitulado: *Palavras da África no Brasil de ontem e hoje*, escrito por Tânia Alckmin e Margarida Petter, faz inicialmente um levantamento dos vocábulos de origem africana utilizados no português brasileiro, e registrados por pesquisadores no Século XIX e XX. Para constituir o corpus do trabalho desenvolvido pelas autoras, elas buscaram os mais avançados estudos do léxico de origem africana no Brasil, tais como: falares africanos advindos da Bahia, de De Castro (2001). Os estudos das autoras foram distribuídos conforme a sua origem: ioruba, fon e de formação brasileira. Partindo dos contextos sociolinguísticos diversos, constituíram cinco níveis de contribuições africanas:1) Linguagem religiosa dos Candomblés da Bahia, ou língua de santo; 2) Linguagem popular da Bahia; 3)linguagem usual do povo de santo; 4) linguagem cuidada e corrente, familiar na Bahia; 5) o Português do Brasil em geral, resultando assim, 3.571 vocábulos de origem africana, definindo e separando quantitativamente a origem de cada vocábulo estudado. Neste sentido, o corpus do trabalho em estudo contituiu-se de 400 vocábulos.

Do resultado de suas pesquisas elaboraram um questionário contendo 249 palavras de origem africana. Partindo desse contexto, as autoras fizeram uma comparação com os dados do corpus com registros feitos pelos pesquisadores dos séculos XIX e XX, e nessa comparação, perceberam quais foram as expressões que permancem atualmente na linguagem e quais já foram extintas, verificaram ainda se houve mudanças em seus significados utilizados atualmente. Para concluir, as autoras ressaltaram que muitos desses vocábulos desapareceram, ou seja, foram extintos da linguagem falada,e outros são desconhecidos ou de uso restrito na língua. Os termos referidos à “escravidão”, permaneceram na escrita, sendo um marco na história.

Para finalizar, as pesquisadoras concluem que, as etimologias dos termos de origem africana representam um grande desafio a cumprir, e que os vocábulos estudados são quase todos de origem banta, com exceção de alguns, mas a predominância de origem banta, confirma a antiguidade do contato do português com as línguas do grupo banto, não excluindo, a presença de termos de línguas oeste-africanos, tais como: ioruba, fon, gun, eve,mai, huça.

4.4 Comunidade São Jose do Baixiu

Segundo registros dos moradores da comunidade, o nome do lugar se deve a dois importantes fatores: dentre todas as comunidades, aquela que ficava numa baixada, servindo o

termo de “baixio” como denominação da associação dos moradores, como sendo: Associação de Pequenos Produtores Rurais da Comunidade de São José do Baixio; e o segundo fator: seria uma homenagem ao Santo Padroeiro da comunidade “São José”, escolhido pelo morador e devoto José Mariano Bento, que realizava as tradicionais festas de São José todos os anos.

Em referência à denominação da comunidade, encontram-se as variações: Baixio (como veio na Documentação da Fundação dos Palmares), assim como São José do Baixios e Baixius. Quando o senhor José Mariano faleceu, os seus filhos assumiram a tradição de realizar a festa de São José, que era tradicional de seus pais. O nome São José, ainda foi utilizado em homenagem à Escola do território, em que se situa essa comunidade:

A escola se localiza próximo ao posto de saúde que, embora aparentemente pronto, ainda não está em funcionamento.

A origem da Comunidade Vão Grande, teve como investigação e seu reconhecimento a Secretaria de Promoção de Igualdade Racial (SEPIR)e iniciada em 2004, a Fundação Cultural Palmares reconheceu a Comunidade Baixio com o processo de n. 01420.001.777/2005-26, no dia 12 de setembro de 2005.

Abaixo podemos ver a foto de uma das casas tradicionais da comunidade São José do Baixio. A maioria já tem casa de alvenaria, fato que não impediu que os moradores construíssem nos fundos das casas uma cozinha feita de barro e palhas com fogão a lenha. Construções feitas por homens e mulheres que não dispunham de meios para outros tipos de construções, eles retiravam da natureza aquilo que iriam precisar para construir sua casa e, às vezes, sozinhos, ou na maioria das vezes, por meio de mutirão, levantavam sua moradia. A comunidade foi a primeira a se organizar em forma de associação e teve como seu primeiro presidente o senhor Maximiano Bispo Bento, um dos filhos mais velhos do José Mariano Bento, filho de um dos primeiros habitantes dessa região.

FIGURA 4 - CASAS EXISTENTES NA COMUNIDADE SÃO JOSÉ DO BAIXIO

FONTE: Arquivo da Autora (2019).

4.5 Comunidade Morro Redondo

A comunidade Morro Redondo é uma das comunidades que compõe o Território Vão Grande. Possui ancestralidade negra e muitos históricos de conflitos pela disputa pela água e a permanência na terra. Está localizada próximo à Serra das Araras, em uma região alta do território. A comunidade foi reconhecida e certificada pela Fundação Cultural Palmares em 24 de Abril de 2010 e identificada sob nº 2.151 e pelo processo de nº 01420.001177/2007-20. A comunidade, infelizmente vivencia conflitos socioambientais, como, por exemplo, os decorrentes da disputa por água e terras, vendo-se cercada por pastos, gados, arames farpados que ultrapassam seus limites. Acselrad (2004) elabora a noção de conflitos ambientais como sendo:

> [...] os conflitos que envolvem grupos sociais com modos diferenciados de apropriação, uso e significação do território, tendo origem quando pelo menos um dos grupos tem a continuidade das formas sociais de apropriação ameaçada por impactos indesejáveis – transmitidos solo, água, ar ou sistemas vivos – decorrentes do exercício das práticas de outros grupos. (ACSELRAD, 2004, p. 21).

E um desses conflitos na comunidade é a disputa por um importante córrego chamado pelos moradores de “Córgo Grande”, que é de água salobra, e por muitos anos abasteceu a comunidade local. Com a chegada de fazendeiros no entorno da comunidade tornou-se o pivô dos conflitos nesse espaço. Em visita exploratória na comunidade, foi

possível registrar o depoimento de moradores sobre conflitos vividos por eles na comunidade.

Um morador da comunidade relata que, quando criança, seus pais tinham grande cuidado com a cabeceira do córrego: não colocavam fogo, lixo nem desmatavam e aconselhavam os filhos e os vizinhos para não desmatar as beiradas do córrego. Recomendavam que não vendessem as terras para fazendeiros que criavam gado. Argumenta que, alguns parentes não ouviram o que seu pai falava e pouco a pouco foram sendo empurrados e muitos expulsos, abandonando ou vendendo as terras. Segundo ele, os fazendeiros chegaram bem próximos do "córgo", cercando com arame farpado uma das minas de água salobra e dizendo que a mina estava dentro do limite de sua fazenda.

Nessa mesma ocasião, uma moradora também recorda algumas partes de sua vida na comunidade. Conta que desde muito cedo aprendeu com sua família o valor da água e como era conflituoso o acesso da água para sua família e toda comunidade.

Segundo ela, na comunidade Morro Redondo não existe água doce, só salobra. Ela se lembra de que, desde criança, sua família e seus parentes, todos os dias iam buscar água doce para beber. As mulheres e as moças iam com as latas e tambor nas cabeças sobre uma "rodia de pano" para não doer à cabeça; algumas carregavam as latas de água sem deixar uma gota cair no chão e ainda traziam na cintura uma criança pequena. Lembra-se ainda, de que a água doce estava em terras de um fazendeiro, que foi entrando e comprando um pedaço aqui outro ali e pouco a pouco foi emendando suas terras, ficando com a única mina de água doce. Ela afirma que devido a isso, muitos moradores cansaram, deixaram suas terras e foram embora, pois queriam melhorias para eles e seus filhos; queriam escolas que fossem além do primário.

Afirma ainda, que ali muitas crianças cresceram ficando adultas e envelheceram, buscando água em galões na cabeça. Segundo ela, na comunidade Morro Redondo, os homens nunca iam buscar água, só as mulheres. Segundo relato dessa moradora, somente em 2013 é que a prefeitura do município de Barra do Bugres, juntamente com a comunidade que comprou os canos e doou a força de trabalho, encanou a água doce de uma mina que fica no pé da serra, até perto das casas de todos os moradores do Morro Redondo.

Além dos conflitos por água, a comunidade por anos vem sendo palco de inúmeras outras dificuldades, e, uma delas é a falta do título definitivo de suas terras visto que os moradores das comunidades Morro Redondo e Camarinha não os têm. A falta do título

definitivo da terra impossibilita a aplicação de muitas benfeitorias e melhorias nas comunidades, enfraquecendo-as ainda mais.

Segundo Acselrad (2004), quando fala sobre osconflitos por uma mesma base de recurso, que no caso da comunidade Morro Redondo vem ser a terra e a água, ele diz que:

> O conflito pode derivar da disputa por apropriação de uma mesma base de recursos ou de bases distintas, mas interconectadas por interações ecossistêmicas mediadas pela atmosfera, pelo solo, pelas águas etc. Este conflito tem por arena unidades territoriais compartilhadas por um conjunto de atividades cujo "acordo simbiótico" é rompido em função da denúncia dos efeitos indesejáveis da atividade de um dos agentes sobre as condições materiais do exercício das práticas de outros agentes. (ACSELRAD, 2004, p. 21).

Abaixo, a pequena mina de água salobra protegida pela família do senhor C.M.M já há algumas gerações, e que sempre tem sido o pivô de inúmeros conflitos na comunidade Morro Redondo.

FIGURA 5 - MINA DE ÁGUA SALOBRA - COMUNIDADE MORRO REDONDO

FONTE: Arquivo da Pesquisadora Maria Helena Tavares.

4.6 Comunidade Camarinha

A Comunidade Camarinha se encontra em um pequeno vale de montanhas, onde as famílias que ali vivem se "espremem" em um pequeno espaço de terra.

De acordo com os dados da Fundação Cultural Palmares, a Comunidade Camarinha, com o código do IBGE nº 5101704, deu entrada ao processo nº 01420.001178/2007-74, em 11 de maio de 2007, solicitando da Fundação Cultural a certificação como comunidade remanescente de quilombo.

É uma Comunidade Pequena, e de rara beleza. A comunidade ainda mantém o antigo prédio da escola que era extensão da escola da comunidade de Morro Redondo. A escola da Camarinha foi desativada tendo em vista que os alunos seriam transportados para a nova escola localizada na comunidade São José do Baixio. Logo em seguida, transportando-os da Comunidade Camarinha para a Comunidade São José do Baixio, houve a mudança das redes de ensino de Municipal para Estadual.

A Comunidade Camarinha é a que possui o menor número de população, possui um espaço menor para o plantio, e muitos dos homens que ali habitam só tiveram como solução serem empregados ou diaristas na fazenda que os cercam. Assim, o que resta da pouca produção de alimentos cultivados, é somente para consumo. Raramente sobra para comercializar.

A Camarinha, provavelmente, pela sua terra muito fértil e produtiva, e pela beleza, é assim considerada uma das melhores. Pela abundância da água, foi sendo a mais cobiçada pelos fazendeiros e, com isso, os primeiros moradores perderem suas terras e suas moradias. Muitos foram embora por falta de condições para se sustentar já que não tinham mais a terra e nem o dinheiro da venda da terra e outros foram abandonando suas terras por falta de condições de sobrevivência.

Hoje, os poucos descendentes antigos que ali restaram, ainda permanecem no local e vivem em um pequeno espaço de terra, sem lugar para construir casas para seus filhos que se casam e desejam ficar na própria comunidade. Vivem sem terra para plantar em grande quantidade, não tendo assim excedentes que consigam vender para o sustento da família e sem possibilidades de negociar sua diária ou seu salário na fazenda, pois não existe outro meio de trabalho por perto.

4.7 Comunidade Vaca Morta

De acordo com Dias (2017, p.53) a comunidade “Vaca Morta” como é conhecida por todos que vivem no território, é a maior em número de pessoas. Já está bem mais organizada, em relação às comunidades Morro Redondo e Camarinha, que ainda não têm documento de posse e ainda vivem e constroem suas casas de barro e palhas.

A comunidade Vaca Morta foi contemplada com um recurso do fundo para construção de casas e, de acordo com os dados da Fundação Cultural Palmares, foi certificada como uma comunidade remanescente de quilombo no dia 30 de setembro de 2005, por intermédio do processo nº 01420.001.808.2007-49. Juntamente com a comunidade Retiro, a comunidade Vaca Morta foi integrada pelo INCRA no projeto de assentamento Vão Grande (P.A.VG) com o registro de processo de nº 21540.004204/95-44, em 27/11/1995. Preservam costumes, valorizam suas manifestações religiosas e também realizam as festas de santo mantendo a cultura local.

4.8 Comunidade Retiro

A comunidade Retiro faz parte da comunidade "Vaca Morta", e localiza-se no Município de Porto Estrela- MT. Recentemente, adotaram em definitivo o nome "Retiro", fundando uma nova associação que se encontra em fase de registros e formação da sua diretoria e regimento. Os moradores da comunidade "Retiro" carregam as mesmas características das outras comunidades, pois, preservam as tradições herdadas de seus antepassados, cultivam produtos agrícolas para subsistência, e o que sobra é transportado para Barra do Bugres para ser vendido. Conservam suas manifestações religiosas das festas de santo, onde todo ano são protagonistas da organização da festa de Nossa Senhora da Guia, Santa Luzia, São Benedito e outros que compõe as bandeiras das festas. A comunidade Retiro faz parte da comunidade Vaca Morta e do Município de Porto Estrela.

A comunidade conta com um ônibus que, periodicamente, faz o transporte dos moradores para a sede de Barra do Bugres, onde consegue ter atendimento médico, realizar suas transações comerciais, compras, bem como outros serviços. Dessa forma, os dois municípios se sentiram obrigados a fazer um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) para garantia desse atendimento, e se comprometem junto ao Ministério Público para compensação de alguns danos causados ou para resolver algum problema que estão causando.

De acordo com Dias (2017.p.55), com esse ajustamento foi possível contratar também uma moradora da comunidade Retiro, que faz os serviços de agente comunitária de saúde e que atende as comunidades do Baixio, Morro Redondo, Camarinha e o Retiro. Nesse momento, as comunidades Vaca Morta e Retiro contam com a construção de uma passarela, construída com recursos do Município de Porto Estrela, pois a última ponte

foi levada com as chuvas há quase 03 anos. Assim, as comunidades que já eram desassistidas ficaram praticamente isoladas. Com isso, várias dificuldades foram acarretadas, como a necessidade de se deslocar para realizarem suas compras, e suprir todas suas necessidades. A passarela, construída com ajuda dos próprios moradores, e com recursos da prefeitura, é bem simples e suas madeiras finas rangem abaixo dos pés em uma nítida impressão de que não suportará a passagem das pessoas, bicicletas e motocicletas. No entanto, nas margens do rio resto de madeira e concreto vão se acumulando e transformando o local em um amontoado de madeiras, concretos e ferros retorcidos, gastos pela ação da água que as fortes correntezas não foram capazes de levar.

4.9 Comunidade Morro Redondo

A comunidade Morro Redondo também é uma das comunidades que compõe o Território Vão Grande. Com ancestralidade afrodescendente e muitos históricos de conflitos pela água e permanênciana terra, é localizada mais próximo da Serra das Araras, na região alta do território. A comunidade foi reconhecida e certificada pela Fundação Cultural Palmares em 24 de abril de 2010 e identificada sob nº 2.151 e pelo processo de nº 01420.001177/2007-20.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM ESTUDO

O *corpus* deste estudo foi constituído por meio de aplicação do questionário do "ALIB" nas comunidades rurais dentro do Território Vão Grande. Aplicamos o Questionário elaborado por Alkmin e Petter (2009, p. 145-177), composto por 249 palavras de origem africana. Desse modo, apresentamos um breve histórico das comunidades compostas no Território em estudo, os discernimentos para a seleção dos entrevistados e a coleta de dados.

Em posse de um gravador de marca Sony, *IC recorder*, *ICD* - PX470, bem como um celular modelo *Iphone* 6, marca *Apple* como reserva, realizamos as gravações da aplicação do questionário elaborado por Alkmin Peter (2009), composto por 249 palavras de origem africanas. Uma das informantes foi a Professora quilombola e pedagoga da Escola Estadual José Mariano Bento, localizada na Comunidade São José do Baixiu, com o intuito de investigar a existência de vocábulos de origem africana nessa Comunidade. Após a entrevista, seguimos com a transcrição juntamente com a seleção de dados para a análise.

Depois de gravadas, foram transferidas para o programa de computador digital *Voice Sony* e logo analisadas e transcritas. Após esses procedimentos, separamos os dados para nossa análise.

5.1 Análises das Variáveis QFF

Apresentamos nessa análise, as variáveis encontradas nas comunidades quilombolas no Território Vão Grande: Morro Redondo, Baixio e Camarinha, selecionadas do Questionário Fonético Fonológico:

a) Vibrante em posição intervocálica;
b) Lateral dental em coda silábica;
c) O [r] retroflexo, como rotacismo de [l] em coda silábica
d) Apócope do [r] no final da palavra;
e) Vocalização da lateral palatal [ʎ];
f) Realização da vogal diante da sibilante (ditongação)
g) Palatização da oclusiva dental/ inclinada em posição tônica;
h) Realização de [muito/ 'mũitʊ]

Iniciaremos as análises pela variante vibrante em posição intervocálica. Nos três pontos: Nas cinco Comunidades Quilombolas pesquisadas.

Nas comunidades Camarinha e Morro Rendondo é possível dizer que a presença dessa variável é bastante peculiar, pois a pronúncia do [R] é muito forte, de modo que foi observado também a predominância da fricativa, como por exemplo, nas palavras; [va**rr**er] e [co**rr**er] . Esse fenômeno aconteceu de forma generalizada nos três pontos, ou seja, nas Comunidades pesquisadas, aparecem no falar de ambos os sexos. Observando ainda as respostas, percebemos na palavra [peixe] a presença do / tchê/, "tchutchar" [tʃu/tʃa] o peixe [pe/tʃe], houve também o apócope do [r] ao final das palavras que exprimem verbos, ou seja, a ausência do /r/ final, por exemplo: [escreve],
[faze], [esquece]

5.2 GRAVAÇÕES DE TEXTOS LIVRES: ETNOTEXTOS

Conforme o nosso comprometimento com o Comitê de Ética em Pesquisa, substituímos os nomes dos entrevistados por iniciais de nomes fictícios.

.

5.2.1 Entrevistada: P.P.P

Secretária, nascida na Comunidade "Morro Redondo", umas das cinco comunidades dentro do Território Quilombola. Iniciou os estudos em uma Escola Municipal localizada dentro da própria comunidade.

TABELA 1 - VARIAÇÕES ENTREVISTADA P.P.P

FENÔMENOS LINGÚISTICOS (VARIAÇÕES) IDENTIFICADOS NO FALAR DA ENTREVISTADA P.P.P
"CÊ" ao invés de você, "Não mi lembro" ao invés de "Não me lembro"
Sintaxe das palavras: "tá imitando" ao invés de "está imitando"
"Carinhu na cabeça deli e eli vai durmindu" (Carinho na cabeça dele, e ele vai dormindo)
"Macacu" (macaco)
"Petche" (peixe)
"thutchar" (chuchar)

Fonte: Dados de arquivo da Autora (2019).

5.2.2 Entrevistada: A.A.A

Diretora e Professora da Escola Estadual José Mariano Bento, localizada na Comunidade “Baixiu”.

TABELA 2 - VARIAÇÕES ENTREVISTADA A.A.A

FENÔMENOS LINGÚISTICOS (VARIAÇÕES) IDENTIFICADOS NO FALAR DA ENTREVISTADA A.A.A	
.“Dí” , ao invés de De, “di trabalhar” (de trabalhar)(di carro), di bicicreta)	“São cinco escola quilombola” (São cinco escolas quilombolas)
“Más (x)” (mas)	“Realmenti” (realmente)
“Dex” (dez)	“Comunidadí”(comunidade)
“Fex” (fez)	“Muintax” (muitas)
“Bicicreta” (bicicleta)	“mexmo” (mesmo)
“Deamantíno’ (Diamantino- MT)	“Barrer” (varrer)
“Neadí” (NEAD)	“Déix quilometro” (dez Quilômetros)
“Tínhaa”(tinha)	“Praca” (placa)
“Cidadi”(cidade)	“Voltandu” (voltando)
“Excoóla” (escola)	“Seix” (seis)
“excreve”(escrever)	“Esposú” (esposo)
“Expecífico” (específica)	“Anu” (ano)
“Nu” (no)	“di” (de)
“Campu” (campo)	“Santu” (santo)
“Menus de dez anu” (menos de dez anos)	“Ricú” (rico)
“Rezistru” (registro)	“peixi” (peixe) (Esse riu é bastanti rico di peixi)
“Pobremas” (problemas)	“Benedítá” (Benedita)

Fonte: Dados de arquivo da Autora (2019).

5.2.3 Entrevistado: C.D.D

O mais idoso da Comunidade, com 94 anos.

TABELA 3 - VARIAÇÕES ENTREVISTADO C. D. D

FENÔMENOS LINGÚISTICOS (VARIAÇÕES) IDENTIFICADOS NO FALAR DO ENTREVISTADO C. D. D	
“eu tenho inda” (eu tenho ainda)	“naum podi”
“eu façu graça” (eu faço graça)	“matar o lobisomi cum tchumbu”
“não é só beidjo na boca” (beijo na boca)	“maridu, dei banhum neli”
“trêx namorada” (três namoradas)	“Tchutchou pra sair sangui”
“matu a cobra e mostru o pau que matei ele” (Mato a cobra e mostro o pau)	“essi foi verdade mesmu”
“nascidu e criadu aqui”	“num vingou”
“Irmã meu”	“aqui tem quase tudo”
“Os Revortosus”	“tem di tudo de cobra”
“11 de marçu qui passou”	“esse ai benze e a cobra mori onde eli esta”
“passou 9 dia”	“u veneno deli”
“nem num sei caçar”	“é fumu, alhu “
“moru na beira do riu”	“bebi fumu com alhu para vomitar tudinhu”

“meu pai acabou com ele tudu”	“é irmão deli que está aqui”
“cacete neli”	“boipevão mortu”
“num é”	“tudu murdidu”
“esquecê” (esquecer)	“eu tenhu um cubrinhu crenti”
“ele xingava nói” (ele chingava nós)	“Macacu parou di comer mío”
“nois nem num conheceu”	“o ladrão vem panhar”
“mãe é daqui mesmu”	“comer mío”
“Mãe de manhana foi pegadu no laçu”	“tchupar cana”
“Tinha djenti caçandu nu matu”	“agora não qui eli é crenti”
“achou uma véia”	“faz 40 anu qui eu larguei”
“a avó di minha mãe”	“eu tinha eli aqui”
“o avião foi feitu”	“nóis tinha a groja”
“du Taquara”	“num tinha escola”
“du estrangeiru”	“prantava muitu feijão”
“eu leiu a biblio direto)	“era só o róça”
“nóis não fumo na escola”	“anssim eli fala e faiz”
“remédiu du matu”	“naum tinha essis máquina di hoje”
“bassurinha tem aqui” (vassourinha)	“as prantadeira”
“manhana mi insinou tudo”	“tchegou ali pertu”
Remédio daqui memú”	“eli passa argun dia”
“eu esquéci” (eu esqueço)	“quati comeu duas róça de milhu lá na Camarinha”
“engravatadu tudin”	“quati comeu tudo”
“meu sobrinha trabaia na Caixa”	“foia”
“drentu”	“botou no toco do canaviar”
“dessi djeitu”	“djá veio cumer”
“escuitando”	“butou nu lugar”
“dessi djeito mesmu”	“tem día a djente senta aqui quasi o dia intero”
“prendi mas depois sórta”	“tem muito evangelicu”
“o advogadu falou”	“num tinha crente não, antis”
“de minha idade”	“deitchou no tronu”
“é muito erradú”	“ai eli gostou né”
“nois sabi dissu”	“eli preguntou pra Deus”
“muito errado esse aí”	“cê ficaraá pra atenta os homi na terra”
“muito nóis aqui é bobu”	“o caminhu é só doi”
“trei garimperiu”	“as devoção qui feiz ontem”
“intuam num tem oro aqui”	“pra espiar tilivisão”
“ondi tem sombração ali é u ouru”	“O bitcho atenta”
“cum fogú”	“é zap zap,cum castigu, cum fogu”
“Tem Deus pra djulgar”	“um tchama eli de mastruiz ou erva santa maria””
“essa pessoa aí é ruin”	“Eli esta ai escuitandu, Deus”
“cori di genti”	“cai fora tudinho,naum quer escuitá”
“eu já atirei eli, nu lobisomen”	“ela quer falar do que ieu”
“a genti fica quietu porque elis não sabem nada”	

FONTE: Dados de arquivo da Autora (2019).

5.2.4 Entrevistado: B.B.B

57 anos, nascida na Salobinha, pequena cidade localizada no Município de Porto Estrela-MT. Moradora da Comunidade Vão Grande.

TABELA 4 - VARIAÇÕES ENTREVISTADO B.B.B.

FENÔMENOS LINGÚISTICOS (VARIAÇÕES) IDENTIFICADOS NO FALAR DO ENTREVISTADO B.B.B.
“Elis tem o título”
“eu nem num sei”
“não alembro”

Fonte: Dados de arquivo da Autora (2019).

5.2.5 Entrevistado: Sobrinho do Sr G.G.G

TABELA 5 - VARIAÇÕES SOBRINHO DO SR G.G.G

FENÔMENOS LINGÚISTICOS (VARIAÇÕES) IDENTIFICADOS NO FALAR DO ENTREVISTADO	
“Tchegar aqui” (chegar)	“meo pai falava qui minguante di abriu e minguante di agostu é mais melhor pratirá maderamentu di casa do que outro mêx,isso eli falava pra nóis”
Pra “djente” (gente)	“madera branca é puruca e aricá, i pra esteiu é arueira ou carvão vermeio”
“Djente pegando”	“só memu madeira pau a piqui”
“Num sabe” (Não sabe)	“depois vai nu matu i corta barroti”
“Meu irmã” (minha irmã)	“i dentru desse percussu, ai vai u barru”
“Pregunta” (pergunta)	“essi mais velhu sabi”
“Aqui Mesmu” (aqui mesmo)	“com us tempu já vai diferencianu as coisa”
“Vorto” (volto)	“a saúde nessa parte é até bom”
“Nóis é nascido e criadu”	“meu pai falava, num podi fazer a casa na lua forti, é porque junta muito bichu”
“o casu dessa comunidade chama Baixiu, por causu dessi rio”	“essas praga:é percebejo, é barata, é cupim, é tudu quantu é trem”
“nois num tem a midida certa”	“e aqueli percebeju é uma fera, picou morreu”
“nóis tem uns cunhadu, nascidu i criadu”	“eli vive anssim, na chavi da paredi”
“essi era fio do Antoniu carti, morava nu Buriti grandi”	“essi bichu barberu num acaba”
“aqui tem muitu peixi grandi”	“viéru fazer a vistuta drentu da casa, graças a Deus num acharu nada”
“o peixi tinha 85 kilu”	“mas lá imbaxu tinha eli também”
“só qui o peitche não curria que a linha num era cumprida”	“quando a lua faizi a cheia”
“quando eli nóis segurava eli”	“a minguante é uma lua mais fracu mais, mais calmu”
“eu demorei uma hora e meia pra pegar eli, porque quando eli deita, tem qui entrar na lóca e cavucar eli”	“si ocê tive na lua forti, na lua minguante, eli guenta um anu”

“a genti vai suspendendo eli”	“minguante di abril e minguante di agostu e mais melhor pra tirá maderamentu di casa di que outro mês”
“Eli logo fica cansadu”	“assim eli falava pra nóis”
“quando eli saia, tinha que sortá a linha purque nada segura eli”	“meo pai falava qui minguante di abriu e minguante di agostu é mais melhor pratirá maderamentu di casa do que outro mêx,isso eli falava pra nóis”
“quando a lua faizi a cheia tem qui cortá”	“madera branca é puruca e aricá, i pra esteiu é arueira ou carvão vermeio”
“depois de amanhã já é minguanti a lua”	“só memu madeira pau a piqui”
“a minguanti é uma lua mais forti”	“depois vai nu matu i corta barroti”

Fonte: Dados de arquivo da Autora (2019).

5.3 Presença de africanismos nas Comunidades: Camarinha e Baixio. Análises das Variantes QSL

Quando pensamos em origens das palavras africanas, é de certo modo conhecer sua história, pensar no conjunto de palavras e que em muitas vezes os próprios afrodescendentes desconheçam. Assim, nosso estudo, de certa forma serviu para que pudéssemos constatar e averiguar o acervo linguístico deixado por seus descendentes. Nesse sentido, focamos em nossa Pesquisa as análises das predominâncias das variantes [+**afro**], onde se atribuiu as variantes [-**afro**], do português em seu entorno. Para obtermos êxito em nossos resultados, foram utilizados técnicas de entrevistas em três tempos: 1) perguntar (obter resposta espontânea); 2) insistir (ampliar o leque das variantes que são conhecidas espontaneamente), 3) sugerir (obter a aprovação conhecimento da variante ou o seu desconhecimento não mencionado espontaneamente).

Iniciaremos com uma transcrição manuscrita das entrevistas. Essa transcrição será feita conforme uma chave de transcrição, que foi elaborada pelo Prof. Dante Lucchesi, com a colaboração da Profa. Tânia Lobo, da UFBA, utilizada no Projeto "Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia". Optamos pela transcrição ortográfica em detrimento da fonética, porque aquela possibilita uma melhor visualização do texto, atendendo igualmente às necessidades da análise. Contudo, diferentemente do procedimento adotado em outros projetos (cf. NURC, por exemplo), a transcrição ortográfica que será adotada agirá como um instrumento efetivo para a análise, ou seja, ela é feita no sentido de que possa fundamentar os mapas com os dados a serem analisados, lincando sempre a gravação do trecho em análise.
Desse modo, a transcrição deve mobilizar os recursos disponíveis para uma reprodução mais fiel das características linguísticas da fala do informante.
A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informações contidas na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está focalizada (MINAYO, 1994, p.57).

TABELA 6 - PERFIL SOCIAL DOS ENTREVISTADOS

IDENTIFICAÇÃO 1	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE 2	PROFISSÃO
NBC	Feminino	72	S / E	Aposentada
LML	Feminino	26	E / M	Universitária
CAL	Feminino	24	E / M	Universitária
DAC	Feminino	58	E / S	Professora
JAF	Masculino	45	S / E	Aposentado
IFS	Feminino	42	E / F	Diarista
LDSS	Masculino	60	S / E	Aposentado
PSSL	Feminino	37	E / M	Merendeira
JFM	Masculino	55	S / E	Aposentado
BBM	Feminino	27	E / M	Universitária

FONTE: Dados do arquivo da Autora (2019) [6].

5.4 Análise e Comparação de Dados

Esta análise foi elaborada a partir de um Questionário com 249 vocábulos de origem africana, originadas dos estudos de Alkmin; Petter (2009, p.145-177) sendo submetida a 10 pessoas das Comunidades Quilombolas Camarinha e Baixiu, localizadas no município de Barra do Bugres- MT. A aplicação desse Questionário permitiu-nos identificar 100 vocábulos que são comuns ao cotidiano e universo dos entrevistados.

Para Alkmin; Peter (2009, p.157), os resultados encontrados em sua pesquisa foram organizados em três divisões, na primeira elas incluem os termos de uso em qualquer interação social, e nesse estudo foram selecionados trinta vocábulos de origem africana, desses 30 termos classificados por elas, nós encontramos 25 termos em uso nas Comunidades em estudo, citadas anteriormente, são os termos: bumba, bunda, cabaça, cabaço, caçamba, cachaça, cacimba, cachimbo, caçula, cacunda, cafofo, cafundó, cafuné, cafuzo, calango, calombo, cambada, camundongo, canga, cangaceiro, capenga, capanga, carimbo, caxumba, chipanzé. Todos com o mesmo significado, em exceção de algumas variações para as palavras Cabaço, que conheciam como homem, e quebrar a cabaça, como tirar a virgindade. O termo " bater uma baba", foi conhecido como " conversa" e não como o real significado que é Jogar Futebol.

Já o termo **angú,** ficou conhecido como mingau e cural em duas Comunidades: Baixiu e Vaca Morta, o termo **borocotó** ficou estabelecido como triste para todas as comunidades pesquisadas.

[6] Devido ao comprometimento com o Comitê de Ética em Pesquisa, substituímos os nomes dos entrevistados por códigos e representamos o nível de escolaridade em siglas: E/F= Ensino Fundamental, E/M = Ensino Médio, S/C= Superior Completo, S/E= Sem escolaridade.

TABELA 7 - TERMOS (SIGNIFICADOS) ESTABELECIDOS PELOS ENTREVISTADOS DO TERRITÓRIO "VÃO GRANDE", REFERENTE ÀS COMUNIDADES CAMARINHA, BAIXIU, MORRO REDONDO E VACA MORTA

Palavra/ termo	**Significado**	**Comunidade Camarinha**	**Comunidade Baixiu**	**Comunidade Morro Redondo**	**Comunidade Vaca Morta**
Auê	barulho, confusão	Briga	Briga/ confusão	Briga	Briga
Bafafá	Confusão	Fofoca	Fofoca	Confusão	Confusão
Bater uma (baba)	jogar futebol	Conversar	Conversar	Babá	Babar
Babau	acabou-se	Banho	Banho	Banho	Banho
Babaca	ingênuo, tolo	Comida	Comida	Comida	Comida
Bobó	(i): comida (bobó de camarão) (ii): pessoa boba (iii): começo de gravidez	Desfazer da pessoa	bobo	Bobo	Bobo
Bocapiu	sacola de palha	Boquinha	Pessoas que falam mal	Boca	Boca
Borocotó	terreno esburacado, buraco aberto pela chuva	Triste	Triste	Triste	Triste
Bode/estar de	Menstruação	Ficar de "boa"	De bem, boa	Estar de boa	De boa
Bozó	Feitiço	Jogo	Jogo de dados	Joguinho	Jogo
Broco	(i) amalucado (ii): surdo	Feio	Feio	Sem voz, galo que troca pena	Bocó
Brucutu	(i): homem forte, grande (ii): veículo policial	De repente	Pessoas estúpidas	De repente	De repente
Banguela	com falha nos dentes, sem dente	Desdentado	Sem dente	Sem dente	Descida
Calunga	(i): boneca (calunga de louça) (ii): bibelô (iii): ratinho	Futebol	Tribo	Futebol	Futebol
Cafute	o diabo	Lugar/ Quilombo	Chifre	Quilombo	Lugar
Quebrar a Cabaça	Ter a primeira menstruação	Cafuné	Tirar a virgindade	Tirar virgindade	Cafona
Cabaço	Hímem	Tirar a virgindade	Virgindade	Tirar a virgindade/virgem	Tirar a virgindade/Virgem
Calundú	mau humor, amuado	Homem Doente	Doente	Doente	Doente
Cuca	bicho-papão	Pão		Cabeça	Cabeça

Cabaço	Hímem	Homem	Homem	Homem	Homem
Caxumba	Infecção viral	Doença no queixo	Doença	Doença	Doença
(dar)Coque	pancada na cabeça com o nó dos dedos	Trança no Cabelo	Penteado no cabelo	Coque de Cabelo	Aquele Coque do Cabelo
Dindim	Clitóris	Dinheiro	Dinheiro	Dinheiro	Dinheiro
Enquizilado	magro, doente, com quizila quizila: proibição, tabu, coisa proibida	Feio	estranho	estranhado	feio
Xibiu	(i) sexo feminino (ii) diamante pequenino	Pereca/ânus	Pereca/ânus	Pereca	ânus
Biboca	(i) Casa ou lugar sujo ;(ii)vendinha, birsoca, bodega	Ribanceira/ buraco	Casa	Morro/ Serra	buraco
Angú	(i) Comida (ii) Confusão;angú de caroço	Polenta	Mingau	Mingau	Mingau/cural
Capanga	(i): jagunço (ii): tipo de bolsa	Guarda Costa	Pessoa que protege	Matador	Matador
Capenga	1. aquele que puxa da perna; coxo, manco, perneta.	Caindo	Não está bem	Caído	Caindo
Calombo	1. líquido (leite, sangue etc.) coagulado; coágulo, coalho	Caroço	Caroço	Caroço	Caroço

Fonte: Dados de arquivo da Autora (2019).

Significados retirados do Questionário de Alkim;Petter (2009)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou analisar, descrever a variação do português falado em comunidades afro-brasileiras rurais no Município de Barra do Bugres- MT, bem como entender a relação dos espaços geográficos entre uma Comunidade e outra, assim como analisar e descrever fenômenos linguísticos relacionados às mesmas, verificar a existência e a permanência da língua africana no município em estudo, e suas variações. Evidenciando a existência e permanência da variação do Português brasileiro em contato com a língua africana, assim como a verificação da pressuposição da existência das palavras de origem africana, nas comunidades rurais do território quilombola " Vão Grande". Para assim buscar respostas diante de nossas inquietações, tivemos como base o aporte teórico nos estudos da Dialetologia Pluridimensional, seguida por Thun (1998), Radke&Thun (1996), também tivemos como base teórica os estudos de Alkmin; Peter (2009), como a obra intitulada " África no Brasil", dentre outros.

Este estudo foi composto por duas análises, sendo a primeira a análise das predominâncias das variantes [**+afro**] e **[-afro**], nas comunidades afro-brasileiras rurais: Território Quilombola "Vão Grande", composto pelas Comunidades São José do Baixiu, Camarinha, Morro Redondo e Vaca Morta, localizadas no Município de Barra do Bugres-MT, sob os aspectos da Dialetologia Pluridimensional. Nesta primeira análise, seguimos dois planos: das variáveis QFF (Questionário Fonético- Fonológico) e o planos das variáveis no plano do questionário QSL (Questionário Semântico- Lexical). Já na segunda análise, nos aportamos nos estudos de Alkmim; Petter (2009), Africanismo no Brasil. Os resultados foram obtidos através do questionário das autoras, composto por 249 palavras de origem africana.

Apresentamos os resultados obtidos nas variáveis QFF, na primeira análise, encontramos, por exemplo, a "vibrante em posição intervocálica", essa vibrante [R] aparece nas palavras [arroz] e [correr], está presente nas quatro comunidades e em ambos os sexos. O mesmo ocorre para o termo [corre], também identificamos a apócope do[r] no final da palavra e o [r] retroflexo, visto que essas ocorrências aparecem de forma geral nas comunidades. Mas a que lidera na presença de tais variações linguísticas (rotacismo) é na Comunidade Baixiu.

Analisamos também as variáveis do Questionário QSL (Questionário Semântico Lexical), e após a aplicação do mesmo, nos possibilitou identificar em qual Comunidade se predominou as variantes [**+afro**] e [**-afro**]. Iniciamos pelo termo **barulho**, que de forma geral aparece em todas as comunidades, as variantes desse termo (+afro) banzé/fuá/ auê /bafafá (+afro), palavras de origem africana, aparecem na Comunidade Baixiu, Camarinha e Vaca Morta, em ambos os sexos. O termo **menino** e a variante moleque de uso geral estão presentes em todas as comunidades em estudo. A palavra **banguela** é conhecida por todas as comunidades em estudo por desdentado/sem dente, em ambos os sexos, com exceção na Comunidade Vaca Morta, em que o termo é conhecido por descida. O termo **confusão** e as variantes **muvuca, bagunça, confusão, fuzuê** são termos populares nas comunidades Baixiu e Camarinha, todos conhecem e o utilizam. Com relação a religiosidade afro, o termo **feitiço,** com as variantes **mandinga, macumba, sarava, pemba, camdomblé, despacho, trabalho. Caborge e Urucubaca,** encontramos em todas as comunidades em estudo. Para **mandraque, mandraca;** aparecem em todas as comunidades em estudo, porém não são usuais na fala**.** Já **Bozó**, foi conhecido como **Jogo**. O termo **bobó**, foi conhecido por todos das comunidades como sendo bobo, já na Comunidade Camarinha, disseram conhecer o termo por **"desfazer das pessoas"**, com as variantes e **bobo, boboca, bobalhão**.

A pesquisa que foi construída apontou que a educação quilombola sobrevive desse cotidiano vivido pelas comunidades quilombolas, das festas de santo, e todas as relações com o seu meio. As festas de santo, que são as manifestações religiosas presentes nas comunidades do território são sem dúvida elementos ricos e carregados de significados que necessitam ser consideradas no currículo da educação escolar, como um modelo de educação que foi eficaz, pois ao longo do tempo cumpre com seu papel social de preservar e resistir.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, **Justiça ambiental - ação coletiva e estratégias argumentativas**. *In:*___. et al. (Org.) *Justiça ambiental e cidadania*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ALTENHOFEN, C. V. Os contatos linguísticos e seu papel na realização do português falado no sul do Brasil. *In*: ESPIGA, J.; ELIZAINCÍN, A. (Org.). **Español y portugués**: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos. Pelotas, RS, 2008, v. p. 129-164.

ALKMIM, Tania; PETTER, Margarida Maria Taddoni. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. **África no Brasil:** a formação da Língua Portuguesa, 2009.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira.** 3. ed. São Paulo: Hucitec/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 4,** de 13 de julho de 2010. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 14 de julho de 2010, Seção 1, p. 824, 2010.

BRASIL. **Parecer 16/2012 da CEB/CNE** – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília, DF

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996.

BRASIL. **[Constituição (1988)].** Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRADLEY, L.; BRYANT, P. E. Categorizing sounds and learning to read: A causal connection. **Nature**, v. 301, n. 5899, p. 419-421, 1983.

BRADLEY, L.; BRYANT, P. E. **Rhyme and reason in reading and spelling**. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1985.

BRYANT, P. E.; BRADLEY, L. **Problemas de leitura na criança**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1987.

BONVIN, I. E. Línguas africanas e português falado no Brasil. *In*: FIORIN, J. L.; PETTER, M. M. T. **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo, SP: Contexto, 2011.

CARENO, M. F. do. **Vale do Ribeira**: a voz e a vez das comunidades negras. São Paulo, SP: Arte & Ciência/UNIP, 1997.

CARTER, R. **Language awareness - ELT Journal**. Disponível em: https://eltj.oxfordjournals.org/content/57/1/64.full.pdf. 2003 Acesso em: 10 de outubro de 2019

COSTA, Ana Luısa, Nélia Alexandre, Ana Lúcia Santos & Nuno Soares. 2008. **Efeitos de modelização no input:** o caso da aquisição de conectores. Em Ana Lúcia Santos & Sónia Frota (eds.), Textos Selecionados do XXIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguıstica´, 131–142. Lisboa: APL/Colibri.

COSTA, Armanda. 2008. **Aprender gramática, compreender e produzir melhor**. Em Carlos Reis (ed.), Actas da Conferência Internacional sobre o Ensino do Português, 167–182. Lisboa: DGIDC - Ministério da Educação.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **O Etíope:** Uma escrita africana. Revista Educação gráfica. 2007. Vol. 11, pp 1-10.

DIAS, M. H. T. **Entre memórias e narrativas das Festas de Santo do Território Quilombola Vão Grande**. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Cuiabá, 2017. Cuiabá, MT: UFMT, 2017.

ELLIS, R. **Current Issues in the Teaching of Grammar**: An SLA Perspective. Disponível em: http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.2307/40264512. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

GONÇALVES , Fernanda Paula Guerreiro & Maria João Freitas. 2011. **O conhecimento da lıngua: Percursos de desenvolvimento** Lisboa: DGIDC - Ministério da Educação.

GOUGH, P. B.; LARSON, K. C.; YOPP, H. A estrutura da consciência fonológica. *In:* CARDOSO-MARTINS, C. (Org.). **Consciência fonológica & alfabetização**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1995, p. 15-35.

GUY, G. R. **Linguistic Variation in Brazilian Portuguese**: Aspects of Phonology, Syntax and Language History. PhD dissertation, University of Pennsylvania. Ann Arbor: University Microfilms, 1981.

GUY, G. R. On the nature and origins of Popular Brazilian Portuguese. *In:* **Estudios sobre Español de América y Linguistica Afroamericana**. Bogota: Instituto Caro y Cuervo, 1989.

GNERRE, M. **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2009.

KAFER, M. L. **A conscientização Linguística como Fundamento para uma abordagem plural no Ensino de Alemão**: Padrão em Contextos de contato Português. Porto Alegre, RS: Hunsruckich, 2013.

LAYTANO, Dante. **Alguns aspectos da história do Negro no RS**. In. RS- Imagem da Terra Gaúcha. Porto Alegre, 1942

MACEDO-KARIM, J. **A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Araraquara-SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2004.

MACEDO-KARIM, J. **A Variação Linguística no falar da Comunidade Quilombola Campina de Pedra no município de Poconé- MT.** Paraná: UNIOESTE , Cascavel, 2017.

MACEDO-KARIM, J. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT**: aspectos linguísticos e culturais. Tese (Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem. 2012.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1994.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo. Disponível em http: //www.usp.br/revistausp/28/04/-kabe.pdf.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Oxford: Blackwell, 1972.

LUCCHESI, D. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**. Lisboa, 12: 17-28, 1994.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. **O português afro-brasileiro**. Salvador, BA: EDUFBA, 2009.

MENDONA, R. **A influência africana no português do Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Sauer, 1933.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. Col. Negra e Identidades. São Paulo, SP: Editora Autêntica, 2012.

MUSSA, A. B. N. **O papel das línguas africanas na história do português do Brasil**. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1991.

PETER, M.; FIORIN, J. L. **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. 1. ed., 2., reimpressão. São Paulo, SP: Contexto, 2009.

POSSENTI, Sírio. **Língua na Mídia**. 1ºedição. –São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RAIMUNDO, J. **O elemento afro-negro na língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Renascença, 1933.

RAMOS, A. **O Negro Brasileiro**. Etnografia Religiosa. 5ed. Rio de Janeiro: Graphia Editorial,2001.

RATTS, A. **(Re)conhecendo Quilombos no território brasileiro.** *In:* FONSECA, M. N. S. (Org.). **Brasil Afro-brasileiro.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

RODRIGUES, RN. **Os africanos no Brasil.** Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, Rio de Janeiro 2010.

SILVA NETO, S. da **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

SILVA, G. F. da; SANTOS, J. A. dos.; CARNEIRO, L. C. da C. (Orgs.). **Negro**: Cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2009.

Sim-Sim, I. (1997**). Avaliação da linguagem oral:** Um contributo para o conhecimento do desenvolvimento linguístico das crianças portuguesas**.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SCHMIDT, C. **O livro didático de língua alemã no contexto de formação de professores no Brasil**. Curitiba, PR: Appris, 2017.

SOUZA, A. C. S. de. **A concordância de gênero entre o sujeito e o predicativo na fala da comunidade quilombola da Caçandoca**. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Lingüística Geral). São Paulo, SP: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), 2000.

SVALBERG, A. M. L. **Language awareness and language learning**. Cambridge Journals. Disponível em: https://journals.cambridge.org/abstract_S0261444807004491. 2007. Acesso em: 10 de outubro 2019.

SOUZA, A. C. S. de. **Africanidade e contemporaneidade do português de comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul**. Tese Doutorado em Letras). Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

SOUZA, A. C. S. de. **Construindo quilombos, desconstruindo mitos**: a educação formal e a realidade quilombola no Brasil. Editora: A. S. de Almeida Cunha, 2011.

SOUZA, A. C. S. de. **A concordância de gênero entre o sujeito e o predicativo na fala da comunidade quilombola da Caçandoca**. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). São Paulo, SP: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

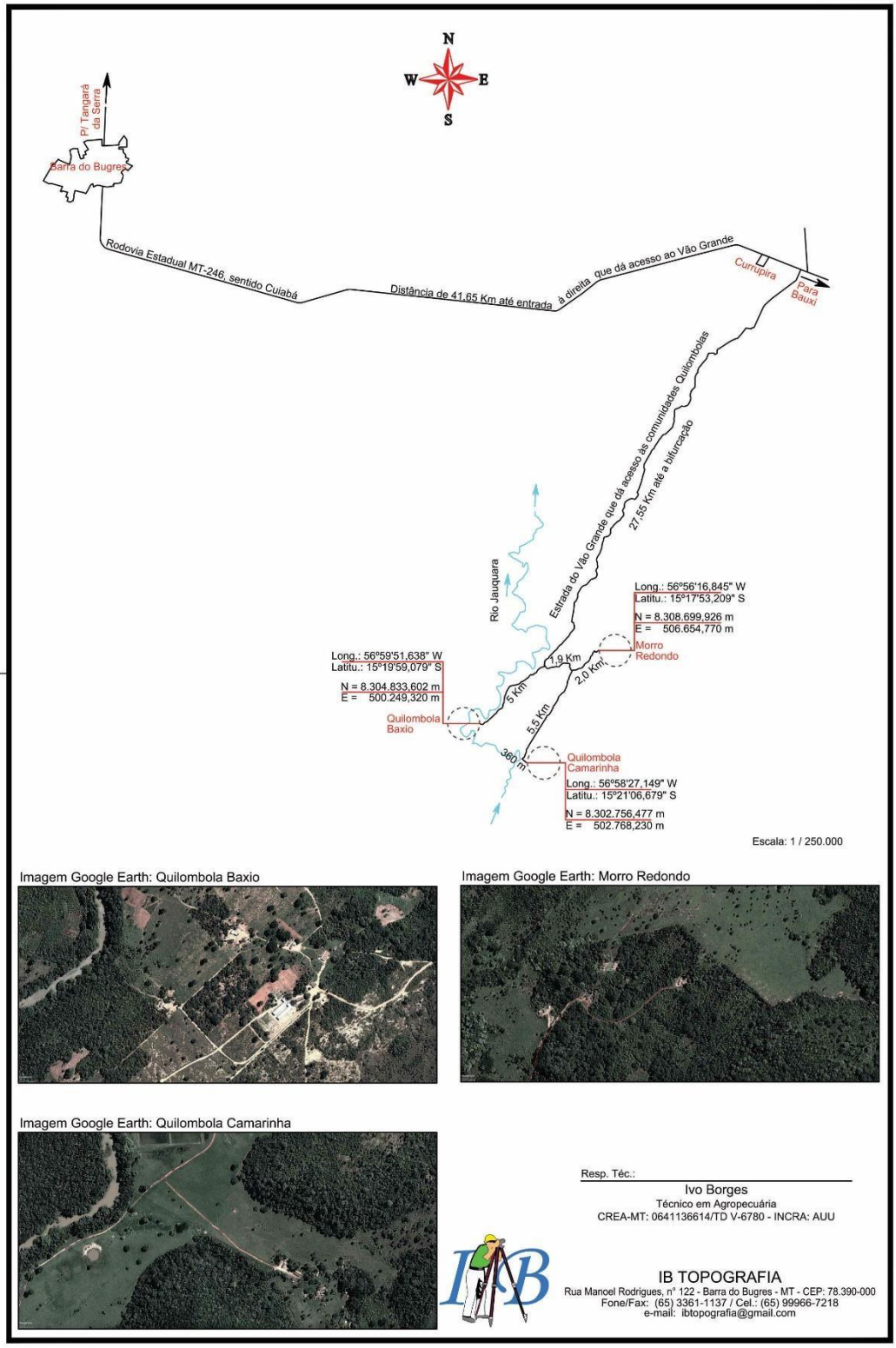
TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.

THUN, H. La geolinguística como linguística variacional general (com ejemplos del Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). *In:* I**nternational Congress of Romance Linguistics and Philology** (21. : 1995 : Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Org. Giovanni Ruffino. Tubingen : Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

THUN, H. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera. *In:* RADTKE, E.; THUN, H. (Orgs.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

ANEXOS

Anexo A - CROQUI DE LOCALIZAÇÃO



Anexo B - Questionário Alkim;Petter (2009)

Nome:		
Idade: anos	**Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino**	**Local de nascimento:**
Escolaridade: Atividade/ocupação/profissão:		
Aplicador:		
Local da Coleta: Data:____/____/_____		

Nº	Palavra/termo	Significado	Conhece	Observação
1	(nego) aço	sarará, albino		
2	aguxó	(i): torcida de palha para acender fogo (ii): tipo de coque feminino (iii): cabelo torcido		
3	(boneco de) alodê	negro faceiro, retinto, de pele lustrosa		
4	angu	(i): comida (ii): confusão ... angu de caroço		
5	arerê	barulho, confusão		
6	auê	barulho, confusão		
7	(bater um) baba	jogar futebol		
8	babá	mulher que cuida de criança		
9	babaca	(i): bobo, idiota (ii): sexo feminino		
10	babaquara	velho, decrépito ... (ou, o mesmo que babaca = idiota)		
11	babau!	acabou-se!		
12	bacondê	jogo de esconde-esconde		
13	Bafafá	Confusão		
14	bagunça	desordem, confusão		
15	balangandã	penduricalho		
16	bamba/bambambã	o maioral, especialista		
17	bangalafumenga	pobretão, joão-ninguém		
18	banguela	com falha nos dentes, sem dente		
19	Banzar	(i): andar à toa (ii): ficar triste, pensativo		
20	Banzo	tristeza, saudade		
21	barabadá	barulho, confusão, tumulto, bate-boca		
22	Baticum			
23	Batucar			
24	(foi para o) beleléu	acabou, morreu		
25	Bibiano	Candeeiro		

26	Biboca	(i): casa ou lugar sujo (ii): vendinha, birosca, bodega		
27	Bimba	(i): ânus, traseiro... tomar na bimba (ii): pênis de criança		
28	Bimbar	Copular		
29	Binga	(i): isqueiro (ii): objeto feito com a ponta do chifre do boi pra guardar tabaco ou pólvora (iii): chifre, corno, marido traído		
30	tampa de binga	pessoa baixinha		
31	Biraia	prostituta de baixa classe		
32	Bitelo	coisa grande ... o menino é um bitelo!		
33	Bobó	(i): comida (bobó de camarão) (ii): pessoa boba (iii): começo de gravidez		
34	Boboca	(i): bobo (ii): desdentado		
35	bocapiu	sacola de palha		
36	(estar de) boi, bode	menstruação		
37	bololô	confusão, conflito		
38	borocotó/brocotó	terreno esburacado, buraco aberto pela chuva		
39	boroxô	triste, desanimado		
40	bozó	Feitiço		
41	broco	(i) amalucado (ii): surdo		
42	brucutu	(i): homem forte, grande (ii): veículo policial		
43	budum/buzum	mau cheiro (de corpo)		
44	(tomar uma) bumba	surra ... bumbar: surrar		
45	bumba/bumbo	tambor ... bumbar: bater o bumbo		
46	bunda			
47	bumbum			
48	cabaça			
49	quebrar a cabaça	ter a primeira menstruação		
50	cabaço	Hímem		
51	caborge	(i): feitiço (ii): bentinho, amuleto		
52	cabuletê	homem vagabundo		
53	caçamba	(i): balde preso em uma corda para tirar água de poço (a corda e a caçamba) (ii): qualquer balde (iii): caminhão-caçamba (iv): depósito (caçamba de lixo)		

54	(falar) caçange	português mal falado , ou mal escrito ... ele fala caçange		
55	cachaça			
56	cachimbo			
57	cacimba	poço, fonte de água		
58	caconde	Barranco		
59	caçote	sapinho, rãzinha		
60	caçuá	cesto de palha		
61	foi pra(s) cucuia(s)	desapareceu, morreu, acabou		
62	Caçula	o filho mais novo		
63	Cacunda	(i): costas (ii): corcova		
64	Cafofo	quarto ou recanto escondido, lugar com coisas velhas		
65	cafundó (do Judas)	lugar longe		
66	Cafuné			
67	Cafungar	resmungar pelos cantos		
68	Cafuringa	(i) : menino negro e pequeno (ii) : apelido para homens negros, magros		
69	cafute/fute	o diabo		
70	Cafuzo	mestiço de negro e índio, mestiço escuro		
71	Calango	tipo de lagarto		
72	Calombo			
73	(estar de) calundu	mau humor, amuado		
74	Calunga	(i): boneca (calunga de louça) (ii): bibelô (iii): ratinho		
75	Cambada	corja, agrupamento de gente		
76	Camundongo			
77	Candango	natural de Brasília, trabalhadores que construíram Brasília		
78	Candimba	coelho do mato		
79	(fazer) candonga	fuxico, falsidade		
80	Canga	(i) : peça que se coloca no pescoço do gado (ii) : saída de praia		
81	Cangaceiro			
82	Cangalha	cesto que se põe em lombo de animal		
83	Canguinha	pessoa pão-dura		
84	Capanga	(i) : jagunço (ii) : tipo de bolsa		
85	capenga			
86	carimbo			
87	catimba/catimbeiro	manha, astúcia		
88	catinga	mau cheiro		

89	catota	meleca		
90	caxingar	(i) : mancar (ii) : fazer as coisas devagar, retardar		
91	caxinguelê	pessoa magra		
92	caxixi	(i): peça do berimbau (o cestinho) (ii): miniatura de barro/cerâmica ... feira de caxixi		
93	caxumba			
94	(minha) caxuxa	termo afetuoso para meninas		
95	chipanzé			
96	chuetar/chuetagem	zombar, ridicularizar		
97	cobé	feiticeiro		
98	cochilar/cochilo			
99	cocoroca/coroca	velho, caduco		
100	(dar ou levar um) coque	pancada na cabeça com o nó dos dedos		
101	corcunda			
102	cotó	quem tem braço ou perna mutilado		
103	cotoco	pedaço pequeno de alguma coisa ... cotoco de vela, de lápis		
104	creca	coceira ou doença de pele		
105	cuca	bicho-papão		
106	cufar	morrer		
107	curinga	(i): carta de baralho (ii): pessoa esperta		
108	curumba	mulher velha		
109	dengo/dengosa			
110	*diamba	maconha		
111	*dindim	clitóris		
112	dunga	homem valente, chefe, o maioral dunguinha: criançola, pessoa sem importância		
113	ebó	feitiço		
114	empombar	ficar de mau humor		
115	encabular/encabulado			
116	encafifar/encafifado	(i): cismar / cismado (ii): amuar / amuado cafifa: má sorte, azar		
117	encafuar/encafuado	esconder-se / escondido cafua: esconderijo		
118	engangento/gangento	rabugento, mal-criado		
119	enquizilado	magro, doente, com quizila quizila: proibição, tabu, coisa proibida		
120	fifo	candeeiro		

121	*fiofó	ânus		
122	forrobodó	(i): confusão, algazarra (ii): arrasta-pé		
123	fuá	algazarra, folia		
124	fubá	farinha de milho fubazento: embolorado, coberto de pó, cor indefinida		
125	fuinha	pessoa pão-dura cara de fuinha: cara magra, fina		
126	(ficar) fulo	furioso ... fulo de raiva		
127	fungar	aspirar com ruído ... fungar o nariz		
128	furdunço	festança, desordem, barulho		
129	*furico	ânus		
130	*furunfar	(i): copular (ii): bater		
131	futrica	intriga, fuxico		
132	futucar	(i): remexer, mexer (ii): tocar com o dedo		
133	fuxico/fuxicar/fuxiqueiro	falar mal de alguém, fazer maledicência		
134	fuzarca	farra, folia, estardalhaço		
135	fuzuê	algazarra, confusão		
136	galalau/galapau	homem alto		
137	gangorra			
138	garapa	caldo de cana, bebida líquida		
139	gingar/ginga			
140	gogó	(i): pomo-de-adão (ii): pescoço de garrafa ele só tem gogó = só tem conversa		
141	gongo	centopéia		
142	gungunar	resmungar, falar sozinho		
143	inhaca/aca	(i): mau cheiro de corpo (ii): má sorte, azar, aborrecimento (iii): cachaça ruim		
144	indagar (> indaca)/fazer indaga/fazer indaca	(i): falar da vida dos outros, fuxicar (ii): conversa fiada, conversa de bêbado		
145	injiar	sentir frio ... ficar injiado de frio		
146	jabá	carne seca		
147	jabaculê	propina, gorgeta, dinheiro por fora		
148	fagunço			
149	jebejebe	lugar longe, isolado		

150	jibi/gibi	(i): revistinha infantil, quadrinhos (ii): negrinho, menino negro		
151	jimbo/jimbra/zimbro	dinheiro		
152	Lambada	golpe de chicote lamba: chicote		
153	Leguelé	(i): indivíduo reles, desprezível (ii): espião de polícia		
154	Lelé	maluco, bobão ... lelé da cuca		
155	Lengalenga	conversa fiada, comprida, enfadonha, palavrório		
156	liamba	maconha		
157	mabaço/mabaça	gêmeo ... banana mabaça=geminada		
158	macaco			
159	macaquear	imitar		
160	macaquice	fazer careta, palhaçada		
161	maconha			
162	macota	(i): chefe, o maioral (ii): lepra		
163	macuta/macuteiro	mentira / mentiroso		
164	mafuá	lugar bagunçado, lugar onde se guardam coisas velhas		
165	malungo	irmão de criação, irmão de leite		
166	mambembe	coisa de má qualidade, ruim ... circo mambembe=circo pequeno, de interior		
167	mandinga/mandingueiro	feitiço / feiticeiro		
168	mandraque	feiticeiro		
169	mandraca	bruxaria		
170	mandu	(i): um tipo de mascarado (ii): pessoa muito clara, quase albino ... menino mandu João é mandu = uma pessoa mascarada, falsa		
171	mangar	zombar, caçoar		
172	*manjuba	pênis grande		
173	maracutaia	trapaça, enganação		
174	marafo/malafo	cachaça		
175	marimbondo			
176	maromba	trapaça, esperteza (no Rio: marombado = homem musculoso, "fabricado" em academia de ginástica)		
177	meganha	polícia, soldado		
178	*mengar	(i): copular (ii): andar ou se mexer o corpo com movimentos eróticos		

179	*menga	esperma		
180	miçanga			
181	milonga/milongueiro	mexerico, feitiço		
182	minhoca			
183	mocambo	(i): choça, palhoça (ii): esconderijo		
184	mocó	(i): lugar escondido ... mocosar/ mocosado = esconder/ escondido (ii): saco de palha para transportar alimento		
185	mocotó	(i) : tornozelo (ii) : pata de boi/vaca ... comida feita com pata de boi/vaca		
186	molambo/esmolambado	trapo / com a roupa em molambo, mal vestido		
187	moleque	menino molecada: bando de menino (fazer uma) molecagem / molequeira: fazer papel de criança, agir irresponsavelmente		
188	mondrongo	pessoa disforme, pessoa suja, desarrumada		
189	Moquiço/muquifo	casebre, lugar sujo		
190	moringa			
191	moamba/moambeiro	contrabando, fraude		
192	mucama			
193	muquirana	(i) : pessoa vestida com mau gosto, cafona (ii) : pessoa pão-dura		
194	murundu	(i): montículo de terra (ii): amontoado de coisas		
195	muvuca	(i) : confusão, agitação (ii) : festa familiar de improviso		
196	muxiba	pelanca		
197	muxila mochila	tipo de bolsa		
198	muxoxo			
199	pemba	pó branco, para uso mágico		
200	perrengue	(i) : coisa difícil, complicada ... (foi um perrengue pra achar a casa) (ii) : pessoa alta, magra com aparência doentia		
201	pisquila / picuila	pessoa pequena e franzina		
202	pitoco	toco, cotoco		
203	pitombo	caroço na pele, resultado de pancada		
204	pongar/despongar	subir/descer em/de veículo em movimento		

205	quelelê	(i) : mexerico, intriga, discussão (ii) cuscus de milho desmanchado no leite		
206	quenga	(i) : prostituta (ii) : ensopado de galinha		
207	quengo	(i) : cabeça ... levar um soco no quengo (ii) : inteligência, esperteza ... esse menino tem quengo (iii) : cuia de coco		
208	*quiba	testículo		
209	quibebe	purê de abóbora, comida à base de abóbora		
210	quilombo			
211	quindim	(i): tratamento carinhoso, queridinho/a... os quindins de iaiá (ii): doce à base de ovos		
212	*quirica/crica	sexo feminino		
213	quitanda	(i) : pequeno comércio de frutas e legumes (ii) : tabuleiro de vendedor ambulante (iii) : em Minas, doces, bolinhos, biscoitos		
214	quitute			
215	quizumba	briga, confusão		
216	*sacana/sacanagem/sacanear			
217	sambar			
218	sambado	gasto, usado ... esse sapato já está sambado		
219	senzala			
220	songamonga	(i): pessoa sonsa, fingida (ii): pessoa sem graça		
221	sunga	calção		
222	sungar	puxar para cima ... sungar a calça		
223	*tabaca/tabaco	sexo feminino tabacada: ato sexual tabacuda: termo ofensivo para mulher		
224	tanga	(i) : peça inferior de vestuário, bem pequena (ii) : tipo de calça de biquíni ficar de tanga: em péssima situação financeira		
225	tibum/tibuco	ruído de queda na água tibungar / tibungo: mergulhar / mergulho		

226	tipóia	(i): apoio para braço ou mão (ii): rede de criança		
227	tititar	tremer de frio		
228	titica	excremento, merda, porcaria titica de galinha: coisa sem valor		
229	toba	ânus		
230	tribufu/trubufu	pessoa feia		
231	tungar	(i) teimar (ii) bater, dar pancada levar uma tungada: levar pancada		
232	tutu	(i) bicho-papão tutu-marambá (ii) comida/tutu de feijão (iii) o manda-chuva ... ele é o tutu do bairro (iv) dinheiro ... preciso de tutu		
233	urucubaca	má-sorte, azar		
234	Vuvuvu	pressa em fazer alguma coisa ... ele chega aqui e vuvuvu ... resolve tudo		
235	Xacoco	sem graça, desajeitado ter um andar xacoco		
236	*xereca	sexo feminino		
237	xibiu	(i) sexo feminino (ii) diamante pequenino		
238	*xibungo	homossexual		
239	ximbica	(i) pessoa pequena (ii) carro pequeno, vagabundo		
240	xingar	ofender alguém verbalmente, usar palavra pesada		
241	xixilado	sem vergonha, descardo		
242	xodó			
243	*xoxota	sexo feminino		
244	zangar/zangado/zanga			
245	zanzar	andar sem rumo		
246	ziquizira	doença indefinida		
247	zonzo			
248	zumbi	(i) alma penada, morto-vivo ele parece um zumbi		
249	zunzum/zunzunzum	(i) boato (ii) ruído, barulho		

Anexo C - Questionário para as Comunidades Afro-brasileiras de Barra do Bugres/MT

PARTE A - DADOS SOCIOLÓGICOS / INFORMANTE

A) IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES
Entrevista: □ mGII □ fGII □ mGI □ fGI
Nome do Informante 1: ..... Data de Nascimento: ..... Idade: ..... Onde nasceu? □ na comunidade □ em outra localidade. Qual? ..... Há quanto tempo mora na localidade? ..... Escolaridade: ..... Trabalho/Ocupação: ..... Religião: ..... Endereço (se quisermos enviar uma carta?): Autoriza o uso dos dados para a pesquisa? □ sim □ não
Nome do Informante 2: ..... Data de Nascimento: ..... Idade: ..... Onde nasceu? □ na comunidade □ em outra localidade. Qual? ..... Há quanto tempo mora na localidade? ..... Escolaridade: .....

Trabalho/Ocupação: ..... Religião: ..... Endereço (se quisermos enviar uma carta?): Autoriza o uso dos dados para a pesquisa? □ sim □ não
Outro(s) participante(s):

PARTE B - DADOS SOCIOLÓGICOS / AFRO-BRASILEIRO

B)	**LOCALIDADE DA PESQUISA**
1	**TOPONÍMIA**
1.1	**Nome** da localidade onde mora o informante:
1.2	Nomes anteriores:
1.3	Esse(s) nome(s) ainda é/são usado(s)?
1.4	Origem do nome da Comunidade Afro-brasileira?
1.5. As pessoas da comunidade usam um nome para identificar-se? Qual?	
2	Observações sobre a **localização** da localidade (distância de cidade próxima, tipo de estrada, mobilidade etc.)
3. Breve **história** da Comunidade Afro-brasileira.	
4	**Origem** dos afrodescendentes
5	**Etnias** na região (pessoas de outras origens, observar designações)
6	DADOS DEMOGRÁFICOS
6.1	População Total

6.2 Número de famílias afrodescendentes
6.3 Número de famílias brancas (se houver)
6.4 Número de casas na comunidade
7 Posto médico
8 ESCOLARIZAÇÃO
8.1 Se houver escola na comunidade, a partir de quando foi posta à disposição da comunidade?
8.2. Como foi a escola dos mais velhos e como é hoje em dia para os mais jovens?
9. Como aconteciam os casamentos na comunidade? Se de fora da comunidade, qual a origem do noivo(a)? Eram permitidos uniões entre parentes (primos, etc.)?
10 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
10.1. Na agricultura
10.2 Tipo de organização do trabalho (individual, familiar etc.)
11 HÁBITOS CULTURAIS
11.1. Quais as expressões culturais mantidas pela comunidade?
11.2 A comunidade se dedica a alguma festividade religiosa ou de outro tipo? Em caso afirmativo, qual o tipo e época do ano?
OUTRAS OBSERVAÇÕES

PARTE C– DADOS LINGUÍSTICOS

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)

1	FÓ**S**F**O**RO (ALiB QFF 015) Aquilo que usa (mímica) para acender o fogo?

2	**V**A**RR**E**R** (ALiB QFF 018) Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (mímica)?
3	A**RROZ** (ALiB QFF 021) O que se come no almoço, uns grãozinhos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?
4	C**OLH**E**R** – subst. (ALiB QFF 025) A carne se come com garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]
5	SA**L** (ALiB QFF 028) O que é preciso colocar na carne para temperar?
6	M**ENTI**RA (ALiB QFF 106) Se na é verdade, então é...?
7	ÁRV**O**R**E** (ALiB QFF 039) O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?
8	NOI**TE** (ALiB QFF 055) Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a . . . ?
9	TAR**DE** (ALiB QFF 062) Qual é o contrário de cedo?
10	TR**ÊS** (ALiB QFF 063) O que é que vem depois do dois?
11	BICI**CL**ETA (ALiB QFF 071) Aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?

12	M**UI**TO (ALiB QFF 077) Qual é o contrário de pouco?
13	O O**LH**O / O**S OLH**OS – subst. (ALiB QFF 112) Isto? (Apontar) E se são os dois? (Pl.)
14	VE**LH**O (ALiB QFF 139) Um sapato que não é novo é . . . ?

14 perguntas

Anexo D - Questionário Semântico-Lexical (QSL)

1	BARULHO (ALiB QFF 154) Quando uma criança está dormindo, o que se diz para ela não acordar? “Fale baixo, não faça...”
	a) barulho; b) banzé; c) auê; d) fuá
2	ORVALHO / SERENO (ALiB QSL 020) De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?
	a) orvalho; b) sereno; c) cerração; d) neblina; e) nevoeiro
3	MENINO / GURI / PIÁ (ALiB QSL 132) Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?
	a) moleque; b) jibi/gibi; c) guri; d) piá; e) menino; f) garoto; g) rapazinho
4	DESORDEM Quando alguém põe tudo fora de ordem, faz o quê?
	a) bagunça; b) fuzuê; c) furdunço
5	CONFUSÃO Isso vira então o quê, que ninguém se acha ou se entende?
	a) bafafá; b) fuzuê; c) bololô; d) forrobodó; e) bagunça; f) muvuca; g) quizumba
6	FEITIÇO (ALiB QSL 149) O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? Algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?
	a) mandinga; b) caborge; c) bentinho; d) amuleto; e) ebó; f) mandraque; g) mandraca; h) milonga; i) urucubaca (azar? má-sorte?); j) saravá (significado?); k) macumba (significado?)

7	MEXERICO / FOFOCA Quando alguém gosta de falar da vida dos outros, faz o quê?
	a) fuxico; b) milonga; c) quelelê; d) candonga; e) futrica; f) zunzum/zunzunzum (significado?)
8	PROSTITUTA (ALiB QSL 142) A mulher que se vende para qualquer homem?
	a) quenga; b) biraia; c) prostituta; d) vadia; e) vagabunda; f) mulher da vida; g) puta
9	LUGAR DISTANTE DE TUDO Que nome dá a um lugar que fica longe de tudo e de todos?
	a) cafundó; b) jebejebe
10	MORADIA Quais nomes conhece para “casa”?
	a) mocambo; b) mocó; c) senzala; d) biboca; e) cafofo; f) moquiço/muquifo (lugar sujo?)
11	AGUARDENTE (ALiB QSL 182) A bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?
	a) cachaça; b) pinga; c) caninha; d) marafo/malafo
12	BODEGA / BAR / BOTECO (ALiB QSL 202) Um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber aguardente e onde também se pode comprar alguma outra coisa?
	a) biboca; b) bodega; c) boteco; d) boliche
13	BOLINHA DE GUDE (ALiB QSL 156) As coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
	a) bolinha de gude; b) bolita
14	DINHEIRO Quais os nomes conhece para (mostrar o dinheiro)?

	a) gimbo; b) moeda; c) tutu; d) bufunfa; e) cascaio; f) grana; g) conto; h) jabaculê; i) jimbo/jimbra/zimbro
15	CEGO DE UM OLHO (ALiB QSL 091) A pessoa que tem só um olho?
	a) cego de um olho; b) caolho; c) torto de um olho; d) zarolho; e) mirolho; f) vesgo
16	CEGO DE UM OLHO (ALiB QSL 091) A pessoa que tem só um olho?
	a) cego de um olho; b) caolho; c) torto de um olho; d) zarolho; e) mirolho; f) vesgo

16 perguntas

Anexo E - Parte Etnotextos (Tx) - Temas De Conversa Livre

1) Formação da Comunidade? (cf. parte B-06)
2) Conheceu seus avós? Eles falavam diferente?
3) Conhece cantigas, músicas, versos transmitidos oralmente pelos antigos na Comunidade?
Sugestão (a partir de entrevistas anteriores):
4) Quais festas há na localidade? Nas festas, ao falar, usam ou usavam palavras diferentes (cultos)?
5) Você vai muito à cidade? [Entrevistas do entorno: Costuma ir à Comunidade Afro-brasileira?] Eles falam diferente lá?
6) Além do português, que línguas fala? Se sim, poderia falar um pouco nessa(s) língua(s), p.ex. apresentar a si e à localidade onde mora?
7) Como prepara uma boa feijoada?

Anexo F – Documento de Reconhecimento de Comunidade Quilombola

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da **Constituição Federal de 1988, CERTIFICA que a Comunidade de Baixio,** localizada no município de Barra do Bugres, estado do Mato Grosso, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 004, Registro n. 349, fl. 56 nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, ***É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.***

Declarante(s):Processo nº 01420.001.777/2005-26

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass.).....Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília, DF, **04** de **agosto** de 2005.

O referido é verdade e dou fé

UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO
Presidente da Fundação Cultural Palmares

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF - Brasil
Fone: (0 XX 61) 424-0106(0 XX 61) 424-0137 – Fax: (0 XX 61) 326-0242
E-mail:chefiadegabinete@palmares.gov.br http://www.palmares.gov.br

"A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira" (Wally Salomão)

Anexo G – Conselho De Ética

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MACROANÁLISE PLURIDIMENSIONAL DA VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS EM COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS

Pesquisador: PRISCILA BORGES COUTINHO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 10729919.2.0000.5166

Instituição Proponente: UNEMAT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.264.442

Apresentação do Projeto:

As comunidades afro-brasileiras rurais e urbanas que participarão inicialmente da pesquisa, localizadas no Mato Grosso são as previamente identificadas pela Fundação Cultural Palmares, entidade vinculada ao Ministério da Cultura (MinC) . São as comunidades quilombolas: Água doce, Baixio, Vermelhinho, Vaca-Morta, (todas localizadas no Município de Barra do Bugres- MT); Bocaina e Vãozinho/Voltinha (localizados em Porto Estrela MT).

O objetivo central deste trabalho é descrever a variação do português falado por comunidades quilombolas de Mato Grosso, em contextos sóciohistóricos distintos.

Investigar como se constituiu e constitui a variedade local das comunidades quilombolas, considerando seu "insulamento" em uma área específica,

sua identidade (étnica) e os diferentes fatores sócio-históricos tanto internos (da comunidade) quanto externos (de seu entorno). O enquadramento teórico da pesquisa no que diz respeito à (i) aplicação do questionário - entrevistas; (ii) etiquetação e transcrição do material a ser investigado; (iii) cartografia, será fornecido pela Geolinguística Pluridimensional ((RADTKE; THUN, 1996)

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo central deste trabalho é descrever a variação do português falado por comunidades

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095
Bairro: Cavalhada II **CEP:** 78.200-000
UF: MT **Município:** CACERES
Telefone: (65)3221-0067 **E-mail:** cep@unemat.br

quilombolas de Mato Grosso, em contextos sóciohistóricos distintos.
Objetivo Secundário:
Investigar como se constituiu e constitui a variedade local das comunidades quilombolas, considerando seu "insulamento" em uma área específica,
sua identidade (étnica) e os diferentes fatores sócio-históricos tanto internos (da comunidade) quanto externos (de seu entorno).
A variedade local do português das comunidades quilombolas pesquisadas converge/diverge do português do entorno? Ou seja, pode-se identificar
uma variedade de grupo característica distinta do seu entorno?
Mantém/substitui variantes de origem africana ou mais arcaicas? Isto é, configuram uma variedade mais conservadora ou mais contemporânea?
Se distancia/aproxima do standard/substandard do português do Brasil? Quer dizer, mostram uma variedade mais normatizada ou mais popular?
Caracteriza-se como:
[+ peculiar] [+ nivelamento]
[+ conservador/ arcaico] [+ mudança linguística]
[+ africano] [+ substituição linguística]
[+ popular] [+ normatização]

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:
Os possíveis riscos estão relacionados ao fato de o participante sentir que suas atividades cotidianas foram interrompidas durante a entrevista. Apesar de se tratarem de perguntas semiestruturas, pode ocorrer de o participante, no momento da entrevista, falar de assuntos de cunho pessoal, e ainda, se emocionar durante a descrição do relato. Para minimizar a ocorrência desses riscos, a pesquisadora compromete-se em marcar um horário, para a entrevista, de acordo com disponibilidade
do participante, informando-o da duração prevista da entrevista, em torno de uma hora. Com relação às informações de cunho pessoal que o participante vier a relatar, a pesquisadora compromete-se em excluí-las, eliminando qualquer risco de divulgação de uma informação pessoal do participante. Além disso, os informantes poderão, a qualquer momento, deixar de responder às perguntas, e até mesmo desistir de participar da entrevista. De modo geral, para minimizar quaisquer riscos possíveis, será criado um ambiente favorável e amigável para que o informante não se sinta

desconfortável diante da pesquisadora. O pesquisador responsabiliza-se a publicar e disponibilizar os resultados da pesquisa para a comunidade pesquisada e para a instituição envolvida.
Benefícios:
Os Benefícios desta Pesquisa serão despertar o interesse em outros pesquisadores, bem como a valorização e reconhecimento das comunidades afro-brasileira do Estado de Mato Grosso, dando assim, a continuidade na pesquisa para a valorização das Comunidades Quilombolas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
A pesquisa apresenta:
- Respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Todos os termos foram apresentados de acordo com as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS-Conselho Nacional de Saúde.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS, é de parecer que não há restrição ética para o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1256887.pdf	21/03/2019 15:59:24		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	21/03/2019 14:06:40	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
Outros	curriculolattespriscilaborges.pdf	27/12/2018 00:11:17	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
Outros	curriculolattesantoniocarlossantanadesouza.pdf	26/12/2018 23:50:24	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
Outros	TERMODECOMPROMISSOIII.pdf	25/12/2018 22:14:11	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
Outros	TERMOCOMPROMISSOII.pdf	25/12/2018 21:53:41	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
Outros	TERMODECOMPROMISSOI.pdf	25/12/2018 21:45:50	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
Outros	PREZADOCOORDENADOR.pdf	25/12/2018 21:39:48	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
Outros	COLETADEDADOSNAOFOIINICIADA.pdf	25/12/2018 21:37:29	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
Outros	DECLARACAO466.pdf	25/12/2018 21:23:49	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	24/12/2018 16:05:30	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAODEPESQUISADORES.pdf	15/12/2018 21:55:25	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAOINFRAESTRUTURA.pdf	15/12/2018 21:53:20	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	15/12/2018 21:51:17	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE1.pdf	15/12/2018 21:35:46	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito
Folha de Rosto	Priscila.pdf	10/12/2018 17:38:04	PRISCILA BORGES COUTINHO	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

Continuação do Parecer: 3.264.442

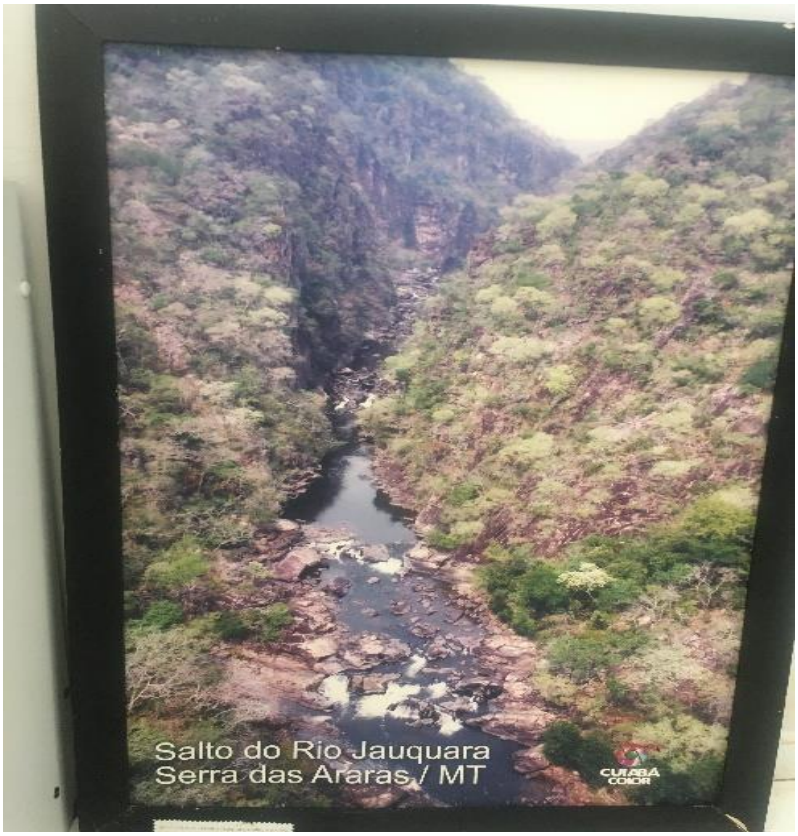
CACERES, 14 de Abril de 2019

Assinado por:
Vagner Ferreira do Nascimento
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095
Bairro: Cavalhada II **CEP:** 78.200-000
UF: MT **Município:** CACERES
Telefone: (65)3221-0067 **E-mail:** cep@unemat.br

Anexo H - Fotos (Arquivo da Pesquisadora 2019);

EDUCAÇÃO
ESCOLAR
QUILOMBOLA


Salto do Rio Jauquara
Serra das Araras / MT
CUIABÁ
COICRI

SUS
UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE
BAIXIUS

EE JOSÉ MARIANO BENTO

EE JOSÉ MARIANO BENTO

COMUNIDADE CAMARINHA
SÍTIO SÃO PEDRO
Proprietário: Pedro V. Maciel
Fone: (6 9622-0973

MOVIMENTO
TODAS
POR CUIABA
ABILIO

VÃO GRANDE
COMUN. BAIXIUS
COMUN. E GRUTA CAMARINHA
COMUN. MORRO REDONDO

COMUN. BAIXIUS
COMUN. MORRO REDONDO
COV
GR TA
INHA

SITIO SÃO BENTO
COMUN. QUILOMBOLA
SÃO JOSÉ DO BAIXIU
LOTE 15 VÃO GRANDE
PROP. ALCIDES B. BENTO

SITIO DOIS CORAÇÕES
COMUN. QUILOMBOLA BAIXIU
L. 15 = PROP. BELMIRO C. & MACIAL
BAR CAIPIRAS